



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO (PPG)
ÓRGÃO DE EDUCAÇÃO E RELAÇÕES ÉTNICAS (ODEERE)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E
CONTEMPORANEIDADE (PPGREC)



VÍTOR SILVA SANTOS

“É SÓ PRA CHAMAR ATENÇÃO?” ESTUDO ACERCA DA IDEIAÇÃO
SUICIDA NOS LGBTTQIA+ FRENTE AOS MARCADORES ÉTNICO-
RACIAIS

Jequié - BA

2023

VÍTOR SILVA SANTOS

**“É SÓ PRA CHAMAR ATENÇÃO?” ESTUDO ACERCA DA IDEIAÇÃO
SUICIDA NOS LGBTTQIA+ FRENTE AOS MARCADORES ÉTNICO-
RACIAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação *stricto sensu* em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPG-REC) Mestrado Acadêmico Interdisciplinar da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

Linha de Pesquisa 2: Gênero e Diversidade Sexual
Apoio: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB)¹

Orientadora: Profa. Dra. Claudia de Faria Barbosa

Jequié – BA

2023

¹ Nota de agradecimento: O presente trabalho foi realizado com apoio da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

VÍTOR SILVA SANTOS


É SÓ PRA CHAMAR ATENÇÃO?" ESTUDO ACERCA DA IDEACÃO SUICIDA NOS LGBTQIA+ FRENTE AOS MARCADORES ÉTNICO-RACIAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade, como requisito para obtenção do título de Mestre em Relações Étnicas e Contemporaneidade


Linha de Pesquisa 2: Etnias, Gênero e Diversidade Sexual

Aprovado em: 17 de abril de 2023.


BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 CLAUDIA DE FARIA BARBOSA
Data: 18/04/2023 12:11:21-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>


Prof. Dra. Claudia de Faria Barbosa (UESB)
Presidente da Banca/Orientadora

Documento assinado digitalmente
 EDUARDO OLIVEIRA MIRANDA
Data: 19/04/2023 07:14:05-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Eduardo Oliveira Miranda (UEFS)
Examinador Externo

Documento assinado digitalmente
 MARIA DE FATIMA ARAUJO DI GREGORIO
Data: 24/04/2023 16:01:29-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dra. Maria de Fátima Di Gregório (UESB)
Examinadora Interna

Documento assinado digitalmente
 MARCOS LOPES DE SOUZA
Data: 18/04/2023 20:39:21-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Marcos Lopes de Souza (UESB)
Examinador Interno

JEQUIÉ
2023

S237e Santos, Vítor Silva.
“É só pra chamar atenção?” Estudo acerca da ideação suicida, nos
LGBTTQIA+, frente aos marcadores étnico-raciais / Vítor Silva Santos.-
Jequié, 2023.
105f.

(Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em
Enfermagem e Saúde da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia -
UESB, sob orientação da Profa. Dra. Roseanne Montargil Rocha)

1.Marcadores étnico-raciais 2.Gênero 3.Sexualidade 4.LGBTTQIA+
5.Ideação Suicida 6.Saúde Mental I.Universidade Estadual do Sudoeste da
Bahia II.Título

CDD – 305.3

Dedico este trabalho, a todes pertencentes a população LGBTQIA+, por toda força, resistência e peristência em continuar lutando por dias melhores. A minha família, por todo apoio e por acreditar em mim. A minha orientadora, que caminha junto comigo, sempre me direcionando a caminhos iluminados.

AGRADECIMENTOS

O ato de agradecer é algo sagrado, logo, começo sendo grato pela sabedoria que me foi concebida para elaborar essa pesquisa. Agradeço as forças divinas, que me mantêm de pé, a minha amada mãe, Ana Rita Silva, por ter me acompanhado e incentivado nessa jornada de anos, sempre me colocando na condição de trilhar caminhos bons e a não desistir dos meus objetivos. Mãe, és minha referência de ser humano! Ao meu pai, Gamaliel Andrade que, com muita compreensão, ajudou-me a chegar onde estou, me encorajando e sempre estando ao meu lado.

A minha irmã, Thaís Silva Magalhães, que sempre esteve comigo se fazendo presente e cumprindo o papel de irmã mais velha. Meu cunhado, Fábio Fatel, gratidão pela força de sempre. As minhas tias queridas, que me ajudaram de todas as formas possíveis, Juciara Silva, Maria Silva Andrade e Juciane Goiaberia. Gratidão por todo auxílio e preocupação, o sacrifício será válido. Aos meus avós, Thiago José Santos, Palmira Maria Silva, Zaquel Andrade e Alice Carlos (*in memoriam*), pelos quais serei sempre agradecido, vocês sonharam comigo e me ajudaram a realizar as minhas metas. A minha família em geral, por todo apoio e compreensão nessa jornada.

Aos meus amigos que estiveram ao meu lado, mesmo de longe, se fazendo perto. Tanto os de infância, quanto os construídos nesse percurso, em especial: Marcelle Brito, Marília Gabriela Arruda, Polliana Boschette, Lais Geambastiani, Laisa Fatel, Maysa Lobo, Amanda Cardoso, Paulo Luã Santos, Milane Correia, Fagner Cruz, Ariane Lima, Ísis Chabi, Thailane Souza, Gilvânia Peruzza, Carine Moraes, Luana Gonçalves, Nathielle Brasileiro, Emilly Almeida, Lizandra Santos, Lucas Gomes, Ivana Fentty, Yann Fernandes, Aiadni Catunda, Luara Trindade, Maira Andrade, Lorena Pessoa, Milane Duque, Lande Caribé, Lisa Raquel e João Neto; Tairone Matos vocês são insubstituíveis! Grato pelo incentivo, amizade e companheirismo, os levarei em meu coração.

Gratidão aos colaboradores dessa pesquisa, sem vocês nada disso teria acontecido.

Aos Mestres, excelentes professores e profissionais, gratidão por tantos ensinamentos e colaboração. Em Especial, ao professor Dr. Marcos Lopes, que sempre se fez presente, te agradeço por tamanha paciência e maestria na arte de ensinar, és minha referência no PPG-REC.

A minha orientadora, professora Dra. Cláudia de Faria Barbosa, sou grato pelo companheirismo, cautela e disposição em caminhar junto comigo, me fazendo crescer como

pesquisador e humano, você foi fundamental para meu crescimento profissional, tenho como minha referência na UESB.

Aos professores Dr. Marcos Lopes de Souza, Dr. Eduardo Oliveira Miranda e Dra. Maria de Fátima Di Gregório que aceitaram o convite para compor as bancas de qualificação e defesa no intuito de ajudar a delinear melhor este objeto de estudo e concluir uma pesquisa social e empírica de relevância para a área de humanidades.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Onde tive todo amparo para me tornar pesquisador.

Não posso deixar de mencionar que o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), por oportunizar-me a bolsa de pesquisa permitindo ter tempo para dedicar a este estudo e ao povo brasileiro, que contribui com impostos que são revertidos em agências de fomento à pesquisa.

Por fim, a todos aqueles que, de alguma maneira contribuíram nessa caminhada, minha mais sincera gratidão.

LISTA DE SIGLAS

ALGBTTIS	Associação das Lesbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Travestis, Interssexuais e Simpatizantes.
CFP	Conselho Federal de Psicologia
FAPESB	Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado da Bahia
LGBTTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Transgênero, Travestis, Queer, Interssexuais, Assexuais +
LGBTTIs	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Transgênero, Intersexuais e simpatizantes
NEIAB	Núcleo de Estudos Interdisciplinar Afro-Brasileiro
OMS	Organização Mundial de Saúde
PPG-REC	Programa de Pós Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade
STF	Supremo Tribunal Federal
UESB	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

“São as nossas escolhas, mais do que nossas capacidades, que mostram quem realmente somos.”

- Alvo Dumbledore

SANTOS, Vitor Silva. “É só pra chamar atenção?” Estudo acerca da ideação suicida, nos LGBTTQIA+, frente aos marcadores étnico-raciais. PPG-REC – UESB, 2022.

RESUMO

O presente trabalho aborda o possível adoecimento psíquico de pessoas pertencentes à população LGBTTQIA+, dando ênfase aos marcadores de gênero, sexualidade e étnico-raciais. A investigação parte-se da seguinte questão norteadora: como os marcadores étnico-raciais podem intensificar o adoecimento psíquico, chegando a uma suposta ideação suicida entre os LGBTTQIA+? Tem-se como objetivo geral analisar as angústias vividas pela população LGBTTQIA+, identificando como os marcadores étnico-raciais e sexuais podem intensificar ou não o supracitado adoecimento psíquico, podendo levar à ideação suicida. Os objetivos específicos são identificar como a cisheteronormatividade atua no adoecimento psíquico de pessoas LGBTTQIA+; analisar os mecanismos de resistência das pessoas LGBTTQIA+ e discutir de que maneira os marcadores étnico-raciais agem para intensificar a ideação suicida. Trata-se de uma temática de relevância social e acadêmica, considerando que a informação pode colaborar para salvar vidas. Com uma metodologia qualitativa, utilizou-se a técnica de grupo focal com dois encontros, com cinco participantes em Jequié e entrevista com os três participantes em Salvador, que problematiza os marcadores étnico-raciais e sexuais que contribuem com o adoecimento psíquico, por meio das ideações suicidas entre os LGBTTQIA+. Como principais achados marcadores de gênero, sexualidade, raça/etnia associados a fatores familiares, sociais e econômicos exercem influência na vida da população LGBTTQIA+. Pois, cisheteronormatividade atua refletindo em sobrecarga emocional que pode causar adoecimento psíquico de pessoas LGBTTQIA+, podendo levar a uma ideação suicida. Foi identificado o uso de estratégias de enfrentamento como apoio de alguns membros da família, ajuda profissional e espiritual. Destarte, faz-se necessário implantação de políticas públicas que colaborem em buscar diagnósticos, ajuda e métodos para ressignificar os sentimentos. Afinal, todas as pessoas são feitas de construção e reconstrução de suas identidades.

Palavras-chave: Marcadores Étnico-raciais; Gênero, Sexualidade, LGBTTQIA+, Ideação Suicida, Saúde Mental.

SANTOS, Vitor Silva. "Is it just for attention?" Study about suicidal ideation, in LGBTTQIA+, in face of ethnic-racial markers. PPG - REC-UESB, 2022.

ABSTRACT

The present work addresses the possible psychic illness of people belonging to the LGBTTQIA+ population, emphasizing gender, sexuality and ethnic-racial markers. The investigation is based on the following guiding question: how can ethnic-racial markers intensify mental illness, reaching an alleged suicidal ideation among LGBTTQIA+? The general objective is to analyze the anxieties experienced by the LGBTTQIA+ population, identifying how ethnic-racial and sexual markers can intensify or not the aforementioned mental illness, which can lead to suicidal ideation. The specific objectives are to identify how cysteteroarmativity acts in the psychic illness of LGBTTQIA+ people; to analyze the mechanisms of resistance of LGBTTQIA+ people and to discuss how ethnic-racial markers act to intensify suicidal ideation. This is a theme of social and academic relevance, considering that information can collaborate to save lives. With a qualitative methodology, through focus groups, with eight participants, divided into subgroups with two meetings in Jequié and three in Salvador, which problematizes the ethnic-racial and sexual markers that contribute to psychic illness, through suicidal ideations among LGBTTQIA+. As the main findings markers of gender, sexuality, race/ethnicity associated with family, social and economic factors have an influence on the life of the LGBTTQIA+ population. Because, cisheteroarmatividade acts reflecting on emotional overload that can cause psychic illness of LGBTTQIA+ people and may lead to a suicidal ideation. The use of coping strategies was identified as support from some family members, professional and spiritual help. Thus, it is necessary to implement public policies that collaborate in seeking diagnoses, help and methods to reframe feelings. After all, all people are made of construction and reconstruction of their identities.

Keywords: psychology; ethnic-racial markers; sexuality, LGBTQIA+, suicidal ideation, Mental Health.

SUMÁRIO

<u>INTRODUÇÃO</u>	14
<u>Problema da pesquisa</u>	15
<u>Justificativa</u>	18
<u>Relevância Acadêmica e Científica</u>	20
<u>Questão norteadora</u>	21
<u>Objetivo geral</u>	21
<u>Objetivos específicos</u>	21
<u>Relevância do Objeto de Estudo e Organização do Texto</u>	21
<u>CAPÍTULO I - O ADOECIMENTO PSÍQUICO E A ANGÚSTIA VIVENCIADA PELOS LGBTQTQIA+, RESISTÊNCIA OU SUICÍDIO?</u>	23
<u>1.1 - O adoecer emocional: gatilhos que despertam o pensar sobre a morte</u>	23
<u>1.2 - Marcadores étnicos, raciais e sexuais: a influência do eu, no adoecimento psíquico.</u>	26
<u>CAPÍTULO II - A NÃO ACEITAÇÃO, INCLUSÃO POR MEIO DA SOCIEDADE E NO ÂMBITO FAMILIAR.</u>	29
<u>2.1 - Lugares de acolhimento ou repressão?</u>	29
<u>2.2 - Luta por direitos e as dificuldades em ser LGBTQTQIA+</u>	30
<u>CAPÍTULO III - METODOLOGIA E ANÁLISE DOS DADOS</u>	33
<u>3.1 - Instrumentos de Coleta de Dados</u>	35
<u>3.1.1 - Primeiro Encontro - Grupo Focal – realizado em Jequié.....</u>	35
<u>3.1.2 - Segundo encontro – Grupo Focal em Jequié</u>	36
<u>3.1.3 - Encontros com os três participantes da pesquisa em Salvador, para entrevista individual</u>	37
<u>CAPÍTULO IV - ANÁLISE DOS DADOS</u>	39
<u>4.1 - Participantes da Pesquisa</u>	41
<u>4.2 - Identidades, pertencimentos familiares e de gênero</u>	42
<u>4.3 - Relações Étnicos-Raciais e Sexuais, a construção do ser “eu”</u>	50
<u>4.4 - Homofobia e Adoecimento psíquico</u>	54
<u>4.5 - Avaliação: auto-conhecimento e construção da persona</u>	62
<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	65
<u>REFERÊNCIAS</u>	69
<u>APÊNDICE A - Instrumento de Coleta de Dados - Roteiro do Grupo Focal</u>	74
<u>APÊNDICE B – Questionário Sobre o Perfil das Pessoas Entrevistadas (aplicação no primeiro encontro)</u>	76
<u>APÊNDICE C - Roteiro de entrevista</u>	77
<u>APÊNDICE D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido</u>	78
<u>ANEXO A – Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa</u>	82

INTRODUÇÃO

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2020), 800 (oitocentas) mil pessoas cometem suicídio a cada ano. Esse fenômeno é preocupante e inquietante porque aparenta que esse índice aumenta com frequência em alta proporção. Faz-se necessário discutir a temática, considerando que as informações podem colaborar no sentido de amenizar o problema.

Ademais, é necessário estudar o fenômeno e as pessoas atingidas por ele. Quais são os públicos com mais tendência? Pressupõe-se que grupos considerados como minorias, estão mais propícios a serem vítimas. Quando se faz uma análise em relação aos membros pertencentes à comunidade das pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgêneros, *queer*, intersexuais (LGBTTQIA+) e pertencentes a grupos étnico-raciais, historicamente excluídos, e que ainda são tratadas com desprezo. É nítida a frequência de fenômenos dessa natureza e a falta das ações de prevenção e conscientização do comportamento suicida entre os grupos supracitados.

Em consequência dessas inquietações, é notável que supostos comentários e discriminação de pessoas e grupos podem agravar esses pensamentos autodestrutivos. Nesse contexto, nasce a ideia dessa pesquisa. Quando se faz uma análise do termo utilizado no título da escrita, “é só pra chamar atenção”, percebe-se que a sociedade trata as vivências afetivos-emocionais das pessoas LGBTTQIA+ com teor de desdenha e desprezo, “é veado, tá fazendo isso porque gosta de chamar atenção”. Uma angústia vivenciada pela pessoa pode resultar em um adoecimento e, a partir disso, chegar a um ato suicida. Essa maneira de utilizar o termo, como suposta injeção de ânimo, pode desencadear a tomada de decisão do indivíduo em procurar ajuda para melhorar sua condição emocional.

De acordo com Olegário (2012), cancelamentos e punições por mau comportamento podem causar um determinado efeito de dar visibilidade para aquele que se deseja menosprezadamente apagar. Ainda em conformidade com o autor, a ausência de pertencimento aliada ao sentimento de inferioridade pode ser gatilho para a pessoa desenvolver uma suposta carência sexual afetiva, na qual envolve a solidão das pessoas, sobretudo aquelas marginalizadas historicamente.

Com as pessoas LGBTTQIA+ não é diferente, a situação pode se agravar, quando se trata de exclusão na própria população, ao que se refere o quesito: “apagar e menosprezar”. Dessa maneira, é importante este objeto de estudo, para dar ênfase a promoção de manejos na

sociedade e no âmbito acadêmico, fazer com que haja reflexões e informações sobre o tema/problema.

Com base nessas observações, cabe compreender para haver uma orientação adequada às pessoas, em relação à problemática que pode causar determinados comportamentos e situações que levem ao adoecimento psíquico e, em situações mais graves, ao suicídio.

Sendo assim, os indícios distintos relacionados ao ato do dominador agir de diferentes maneiras com a pessoa subordinada, em relação à classe ou posição social, cor, raça/etnia, sexualidade e afins podem coincidir de acordo a interpretação de uma teoria naturalizada. Logo, desde os primórdios da era colonial até a momento atual, os espaços ocupados por dominadores são em maior quantidade. Destarte, o lugar em que a pessoa está inserida pode determinar a maneira de interpretar os fenômenos relacionados ao sexismo e ao racismo. Ambos partem de um pressuposto da neurose cultural da sociedade brasileira. Em consequência disso, em todo instante os aspectos relacionados ao sexismo podem produzir ações de violências, esse fator se agrava principalmente quando se trata da mulher preta, seja ela hétero, lésbica, bi ou transexual (GONZALEZ, 1984).

Com efeito, o racismo no Brasil persiste causando inúmeros impactos que afetam os níveis psicológicos e psicossociais do indivíduo, todavia, pressupõe-se que as pessoas brancas tenham mais facilidade em lidar com o sexismo, porque não soma ao racismo. Os comportamentos de exploração, animalização e objetificação se intensificam quando há intersecção de vulnerabilidades. Existem inúmeros motivos pelos quais as pessoas vivenciam a subordinação interseccional quando não são adequadamente percebidas, analisadas ou simplesmente abordadas, pela sociedade tradicionalista e discriminadora em relação aos preconceitos de raça/etnia e gênero. Algumas problemáticas são consideradas manifestações da subordinação do gênero ou da subordinação racial de grupos considerados como minorias (CRENSHAW, 2002).

A interseccionalidade pode ser útil para diversas instituições e eventos referentes a raça/etnia e gênero, quando se trata de discursos sobre direitos humanos. Dessa maneira, o intuito é desenvolver um estudo, sobre gênero e sexualidade nas discussões étnico-raciais e assim, da mesma maneira nas discussões sobre etnia e raça incluir os aspectos de gênero e sexualidade.

Problema da pesquisa

Esmiuçar as relações étnico-raciais, de gênero e sexualidade corrobora para lidar com as diferenças, isso porque as pessoas podem vivenciar situações de sexismo e racismo de modo relacionado ao gênero e etnia/raça. Em consequência disso, é preciso identificar aquilo que acontece quando inúmeras maneiras de discriminação afetam as vidas das pessoas envolvidas. Desse modo, há de reconhecer que os direitos contra a discriminação interseccional tomam parte da luta há tempos (CRENSHAW, 2002).

Muitas vezes, as ações sexistas e racistas estão associadas aos aspectos e valores sócio-históricos e socioeconômicos. Ao tratar-se da pessoa pertencente à população LGBTTQIA+ negra, ainda se intensifica as discriminações e estereótipos da sociedade. Nesse sentido é comum, embora não aceitável, que homens gays brancos, associados à uma postura machista, expressem o racismo sem receio, podendo até objetificar consciente ou inconscientemente o corpo negro. A noção do ato de gozo seria psicologicamente reducionista, quando fazer aquilo que deseja, mas não se deve, é uma característica forte do desejo sexual e pode ser considerada como ato de possessão e obsessão, sobretudo quando a pessoa sente a necessidade de roubar o gozo do outro, ou seja, aquilo que supostamente de maneira inconsciente remete a satisfação.

Em se tratando de uma relação homoafetiva, idealizar o homem gay negro como aquele que deve ser sempre o ativo na relação, por ter a ideia no imaginário social e sexualizada, por supostamente possuir pênis grande e de extremo desempenho sexual invoca uma ideia do racismo como um tipo de projeção, objeto do próprio gozo.

Para Gonzalez (1984), as vivências das mulheres e homens negros comparadas as de pessoas brancas difere principalmente pelo fato de negar a existência como sujeito humano, levando a assumir uma postura de objetificação, ou seja, um abjeto do próprio desejo. Sendo assim, traz uma característica de negação das categorias de etnia, raça e sexo, causando um apagamento.

O racismo pode ser interpretado como um tipo de posse, obsessão pelo gozo do outro, traduzido pelo discurso de ódio. Por meio de um comportamento erótico onde se deseja transgredir há um suposto limite. Para bell hooks (1992), a raiz do racismo é o ódio do próprio gozo. Sendo assim, passa a ideia de que possuir aquilo que não deve, que é proibido ou mal visto no âmbito social colonizado pode se tornar um ato prazeroso e, ao mesmo tempo perigoso, o que supostamente provoca o ódio de maneira inconsciente.

De acordo com Gonzalez (1984), o determinado espaço de inserção social pode concretizar a interpretação em relação ao racismo e sexismo. O racismo pode se constituir como uma hipótese caracterizada da “neurose cultural” brasileira ou colonizadora. Pois,

tratando-se de neurose, o conflito se apresenta como uma suposta problemática, onde as implicações culturais pontuam sobre em quais medidas as inquietações neuróticas podem ser moldadas por processos culturais. Nesse sentido, sua ligação com o sexismo pode produzir, de maneira voluntária ou involuntária, efeitos de violação contra a pessoa negra, inclusive em mulheres, lésbicas e trans principalmente.

O homem branco, no ponto de vista do colonizador heterossexual, tomou para si o lugar discursivo do macho penetrador e civilizador, ativo, sexualmente falando, reservando para as mulheres e os “pervertidos” sexuais o lugar passivo de objeto da dominação, assim como o lugar da sexualidade vista como indomável e perigosa a ponto de revelar a estrutura da contradição sexual (PINHO, 2008).

No senso comum é corriqueiro expressões como “o racismo só existe na cabeça do negro”. Nesse sentido, nega-se a existência da problemática e culpabiliza a pessoa que é vítima dessa reprodução racista. Visto que, segundo o ponto de vista do branco em relação as afirmações sobre o racismo não existem, mesmo as atitudes provando o contrário (BASTOS, 2016).

A branquitude dos indivíduos que ocupam esse lugar simbólico não é definida somente por aspectos genéticos e físicos, mas por posições sociais que as pessoas ocupam. Ser branco engloba assumir características distintas culturalmente e vivenciadas em determinados lugares. Como por exemplo, nos Estados Unidos, ser branco está interligado a questões de origem genética e étnica da pessoa. No Brasil é diferente, ser branco aqui representa a aparência ou posição social convivente, exige todo um estereótipo demarcado nas origens eurocêntricas: pele clara, cabelo liso e não muito escuro, costumes e crenças europeias onde as escolhas do outro são vistas como erradas (SCHUCMAN, 2014).

A branquitude é uma suposta posição, onde os considerados brancos são privilegiados, quando se trata de acesso a recursos sociais, materiais ou simbólicos, que foram construídos pelo colonizador e pelo imperialismo (SCHUCMAN, 2014).

Corriqueiramente, há uma característica muito presente quando se trata de relações escondidas com os homens gays negros, diferente dos brancos que despertam o interesse sexual pelo sujeito preto, porém apenas de maneira sigilosa, evitando estar junto ou até mesmo se encontrar em locais que possam ser vistos. Isso acontece porque as ações racistas são reproduzidas quando as pessoas são preconceituosas. Atitudes como menosprezo pelo próprio grupo, racismo ou exclusão podem se agravar quando se remete a travesti, pois tem uma identidade estigmatizada e marginalizada no âmbito social, laborativo e principalmente familiar, onde esses corpos são construídos bio politicamente como objetos.

Tratar sobre as sexualidades é perceber como são ditadas as normas no campo da linguagem, que desrespeita as relações interpessoais, causa uma suposta invisibilidade estratégica dos homens gays brancos frente as pessoas LGBTTQIA+ negras. O racismo dos brancos é histórico, enraizado, reproduzido, perverso e cruel, tema que será abordado em profundidade no capítulo I.

Nesse contexto, a perspectiva de incidências suicidas da comunidade LGBTTQIA+, vista por uma vertente psicológica acarreta que, em determinados aspectos, o suicídio é o sepultamento de um sofrimento, podendo vir também, em forma de protesto. Para aquele que chega a esse estágio, a vida terminou. Dessa forma, cometer o suicídio é a saída para acabar com a angústia que assola, ou até mesmo para finalizar o ciclo, que se tornou doloroso de forma insustentável.

Em conformidade com a OMS (2020), por diversas vezes, a pessoa pertencente à população LGBTTQIA+ por ser vista como anormal, por ações preconceituosas, pode ter sentimentos de indiferença ou marginalização, quando supostamente desenvolve possíveis sintomas de tristeza, depressão, culpa excessiva, repúdio e exclusão. Tais sentimentos podem levá-la a ideação suicida que pode acontecer vinculada a um gatilho emocional, quando a pessoa desenvolve um adoecimento psíquico, passa a achar que morrer ou sumir seria mais fácil do que lidar com a problemática ou angústia vivenciada (OMS, 2020).

Justificativa

Durante um período de atuação como profissional da Psicologia, no ano de 2020 a 2021, notei que a vulnerabilidade dos jovens negros em relação a ideação suicida possuía alta proporção, isso porque o preconceito enraizado e a discriminação racial cooperam com esse fenômeno. A dificuldade de conversar abertamente com pessoas próximas ou profissionais de saúde remete ao silenciamento, muitas vezes por sentir vergonha de externar o sofrimento que o sujeito vivencia e por questões de sociabilidade.

Nessa perspectiva, a relevância pessoal desse estudo possui base nas vivências do estágio na clínica. Na ocasião houve duas pacientes que tentaram suicídio, uma por apresentar um diagnóstico depressivo e um transtorno do pânico, após ser assaltada e perder o bebê. Eu a acompanhei durante 3 meses e, logo após, precisou parar de ir as sessões devido à falta de transporte, pois sempre ia acompanhada. A segunda estava sob cuidado medicamentoso e tinha mais resistência em seguir o processo psicoterápico, pois achava cômodo apenas tomar

o medicamento e passava por um processo de autoaceitação em relação a sua sexualidade e etnia-raça. Após dois meses deixou de frequentar a terapia.

Além disso, o desejo desta pesquisa tem relação às amizades com pessoas que tem episódios de ideação suicida e automutilação. Por ser um profissional de Psicologia, conseqüentemente, as pessoas têm mais facilidade em se sentirem seguras a ponto de desabafar em consulta ou até mesmo na vida social. Em consequência disso, já escutei alguns relatos de pessoas próximas e distantes, pessoalmente e de maneira virtual, sobre elementos que correspondem a temática supracitada.

Somada a esses dois aspectos, o fato de ser membro pertencente à LGBTTTQIA+ despertou o interesse em investigar a ideação suicida como ato de motivação pessoal e profissional, pois um dos intuitos dessa pesquisa é desenvolver análises frente as vivências desenvolvidas com os sujeitos, compreender para intervir. Cada indivíduo tem sua totalidade e subjetividade, sendo assim, me considero como um eterno aprendiz. Destarte, trago essas vivências individuais, que se tornam responsabilidade coletiva, pois de certa maneira coadunam com a perspectiva profissional e acadêmica de buscar compreender para corroborar no sentido de informar, agregar valores de pertencimento e aceitação.

A escolha do título desta pesquisa, se dá pelo fato da sociedade levar os sintomas de adoecimento psíquico ou até mesmo a própria ideação suicida entre as pessoas LGBTTTQIA+, incluindo a pessoa deste pesquisador, com descaso, ou afirmando que são ações isoladas, somente para chamar atenção. Por isso, justifica-se o uso dessa expressão do senso comum, podendo até ser considerada pejorativa por algumas pessoas, mas com a intenção de demonstrar uma forma de inquietação sobre o que acontece cotidianamente para intitular essa escrita.

Ser LGBTTTQIA+ na atualidade tem sido cada vez mais desafiador, isso porque a sociedade brasileira vivencia crises associadas e com apoio de políticos associados a grupos conservadores e extremistas, havendo a necessidade de montar estratégias para resistir e existir, pois, vai além de respeitar ou aceitar as orientações pessoais.

Nesse sentido, justifica-se o interesse neste objeto de estudo relacionado a ideação suicida e as suas incidências. Trata-se de uma temática pouco discutida no meio acadêmico e, de uma forma geral, ignorada pela sociedade em geral. Portanto, é de extrema importância da ênfase na escuta, nos cuidados cabíveis e adequados, pois, na maioria dos casos, o sujeito não consegue procurar ajuda de um profissional especializado.

Relevância Acadêmica e Científica

No que se refere aos estudos acadêmicos relacionados a esta pesquisa, existem trabalhos com temáticas similares que investigam questões referentes à comunidade LGBTTQIA+ e a ideação suicida. Uma pesquisa feita nos trabalhos disponíveis no repositório da Capes, no período de 2017 a 2021, alcançou 115 resultados de trabalhos correspondentes.

Tais investigações discutem, de modo geral, aspectos culturais e sociais, mas há lacunas no trato sobre o autocuidado, a etnicidade e desigualdades sociais que agravam o problema e contribuem com a falta de informação e a prevenção ao suicídio de maneira coesa e qualificada, referente à comunidade supracitada.

A pesquisa incluiu uma revisão bibliográfica sistemática, sustentada no método meta-análise em bancos de dados *online*: Scielo, Portal da Capes, Pepsic Bancos de Teses e Biblioteca Virtual da Saúde e buscas no navegador *Google*. Durante as pesquisas, não foram localizadas análises completas de marcadores étnicos/raciais associados aos de gênero e sexualidade.

Dos trabalhos encontrados, apenas uma dissertação de mestrado corresponde à comunidade LGBTTQIA+, com aspectos próximos e mais atuais aos tratados aqui. Sendo assim, a dissertação do Paulo Vitor Navasconi será incluída nas discussões e análises a seguir e durante a explanação dos capítulos do texto.

A referida dissertação de mestrado foi defendida no programa de Psicologia Universidade Estadual de Maringá, 2018 intitulada “Vida, Adoecimento e Suicídio: Racismo na Produção do Conhecimento Sobre Jovens Negros/as LGBTTIS, de autoria de Paulo Vitor Navasconi, Psicólogo, membro do coletivo Yalodê-Badá e do Núcleo de Estudos Interdisciplinar Afro-Brasileiro da UEM (NEIAB). Posteriormente, a dissertação foi publicada em livro intitulado: Vida, Adoecimento e Suicídio: Racismo na produção do conhecimento sobre jovens negros LGBTTIs publicado no ano de 2019. A referida publicação expõe estudos relacionados a raça, gênero, violência contra a população negra, história da Psicologia e comportamento suicida. Ademais, discute-se os marcadores de sexualidades e racialidades, mas não aprofunda nas questões de etnicidade, deixando tal lacuna.

Na obra predomina a discussão sobre a imagem do sujeito LGBTTQIA+ negro, bem como a associação dessa imagem ao erotismo e ao processo de animalização e objetificação. O autor discute o conceito sobre a interseccionalidade formulado pela feminista, Kimberlé Crenshaw (2002).

Ressalta o real intuito de compreender as ditadas opressões não hierárquicas e intercruzadas ou planejadas. Navasconi (2018) demonstra que a formação histórica, social, econômica e política do sujeito, ou seja, em sua totalidade, as categorias de raça, gênero e classe provocam aspectos inquietantes que reforçam preconceitos e estereótipos. Entretanto, não trabalha a etnicidade associada aos aspectos culturais e de formação identitária dos sujeitos.

Questão norteadora

A presente investigação parte da seguinte questão norteadora: De que maneira os marcadores étnico-raciais e de gênero e sexualidade podem influenciar no adoecimento psíquico, podendo chegar à ideação suicida entre os/as LGBTTTQIA+?

Objetivo geral

Analisar as angústias vividas por pessoas da população LGBTTTQIA+, identificando como os marcadores étnico-raciais, de gênero e sexuais podem intensificar ou não o supracitado adoecimento psíquico, podendo levar à ideação suicida.

Objetivos específicos

Identificar como a cisheteronormatividade atua no adoecimento psíquico de pessoas LGBTTTQIA+;

Analisar os mecanismos de resistência das pessoas LGBTTTQIA+;

Discutir de que maneira os marcadores étnico-raciais agem para intensificar a ideação suicida.

Relevância do Objeto de Estudo e Organização do Texto

Tal investigação científica pode contribuir para os profissionais da psicologia e da educação para intervir em supostas tentativas de suicídios no público LGBTTTQIA+; como uma área de vasto campo teórico e científico. É nesse universo que organiza a contribuição de estudos com fundamentação especializada no âmbito acadêmico para tal população.

A sexualidade tem por necessidade ser discutida socialmente, porque os saberes científicos podem ser elaborados para favorecer vivências e sobrevivências destas pessoas.

Este trabalho foi elaborado de maneira coesa, cumprindo as diretrizes estipuladas pelo Comitê de Ética em pesquisa, que foi submetido em julho de 2022 e aprovado no dia 25 de agosto de 2022. Número do parecer: 5.604.482, pesquisa que se concretiza neste texto, que se estrutura da seguinte maneira: a partir desta introdução ele se compõe em quatro capítulos, com seções separadas em cada um deles.

No primeiro capítulo expõe-se o marco teórico sobre o adoecimento psíquico e a angústia que os sujeitos LGBTTTQIA+ vivenciam os fatores de risco no cotidiano, as formas de resistir a tantos julgamentos e dificuldades devido a sexualidade, etnicidade ou condição social, dialogando com autores clássicos e contemporâneos.

No segundo capítulo, dando continuidade ao marco teórico, analisa-se sobre a não aceitação, a inclusão no meio social e no âmbito familiar, verifica os marcadores sociais que podem intensificar para o supracitado adoecimento, podendo ser em lugares de acolhimento ou de repressão.

No terceiro capítulo expõe-se a metodologia dividida em três subseções. Na primeira conceitua e contextualiza as opções metodológicas. Na segunda seção detalha-se como se deu os procedimentos da pesquisa, os dados empíricos são analisados e discutidos, contextualizando com os autores citados no texto.

No quarto capítulo, as análises são expostas em quatro tópicos, a saber. No primeiro a discussão recae sobre as identidades, os pertencimentos familiares e de gênero, no segundo trata sobre os marcadores étnicos-raciais e sexuais na construção do ser, no terceiro a problemática pede discussão sobre o racismo e homofobia associados à possibilidade de adoecimento psíquico e, por último, é feita uma autoavaliação com os participantes sobre a pesquisa no que tange ao autoconhecimento.

Por fim, as considerações finais expõem os principais achados da investigação. E, na sequência, estão listadas as referências utilizadas e expostos os anexos e apêndices.

CAPÍTULO I

O ADOECIMENTO PSÍQUICO E A ANGÚSTIA VIVENCIADA PELOS LGBTTQIA+: RESISTÊNCIA OU SUICÍDIO?

1.1. O Adoecer Emocional: Gatilhos que Despertam o Pensar sobre a Morte

Neste capítulo discute-se aspectos referentes a possibilidade de um suposto adoecimento psíquico, identifica-se os elementos que atuam para o ato e analisa-se os mecanismos de resistência das/os LGBTTQIA+ frente à ideação suicida. Para começar, verifica-se como o sujeito vivencia os aspectos relacionados à construção da identidade. Logo depois, expõe-se como é formado processo de adoecimento psíquico, até que chegue no suposto adoecimento.

Em conformidade com Lacan (1977), a suposta identidade do sujeito não é definida no exato momento em que ele nasce, isso porque ela não é determinante, ou seja, é formada ao longo da existência, de acordo com os processos elaborados na consciência e no inconsciente de cada um. Quando criança, na maioria das vezes, o sujeito é condicionado, a desenvolver comportamentos, que não condizem com a personalidade, ou a identidade que deseja construir. Supostamente, seria um gatilho para futuros conflitos emocionais.

A construção da identidade pode gerar uma inquietação quando está em crise, ou seja, algo que supostamente seja considerado imutável ou fixo, desloca-se por questões vivenciadas causando incertezas (HALL, 2015).

Em virtude dos aspectos mencionados, não se define a sexualidade como um suposto impulso de rebeldia, estranhamento ou ero. A pessoa esgota-se, causando um determinado adoecimento ao ponto de sujeitar a sexualidade de acordo com as normas que a sociedade impõe. Tentar dominá-la por completo pode estar interligado as particularidades de relações de poder, porque a sexualidade também é um dos aspectos que envolvem processos de construção social. Nesse sentido, é perceptível que as vivências construídas no decorrer da existência formam a identidade. Para Hall (2015), os inúmeros aspectos que podem compor a identidade cultural são formados por meio do pertencimento a uma determinada cultura e nos processos de mudança que complementam um deslocamento no real conceito de globalização. Durante esse processo de desenvolvimento, alguns problemas emocionais podem ocorrer nas pessoas homossexuais, bissexuais e transexuais, até que a suposta identidade seja formada. Dificuldades como adoecimento psíquico vinculado ao uso abusivo de substâncias

psicoativas, depressão, ansiedade, alucinações, vozes e mudanças repentinas de humor podem acontecer com frequência. Daí a prerrogativa de que há a necessidade de cuidar dessa população, quando os acontecimentos de risco se encontram dispersos, mas apresentam evidências (FOUCAULT, 1988).

Diante disso, os/as jovens LGBTTQIA+ fazem mais uso de álcool, comparado às outras faixas etárias e até mesmo em pensar no ato do suicídio. Esses jovens demonstram mais conflitos por serem pertencentes a ditas minorias sexuais – homossexuais, bissexuais e transexuais, vivenciam mais fatores de risco do que os jovens que não pertencem a esses grupos, os heterossexuais (ASSIS, 2014).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) oficializa que a transexualidade não é transtorno mental (CFP, 2018), mas junto com a homossexualidade, antes ditada como “homossexualismo” são condições que podem contribuir para a vulnerabilidade em relação aos adoecimentos psicológicos, como a suposta vontade de morrer e tristeza profunda ou a depressão, que podem influenciar em fatores determinantes ao que se refere ao suicídio em pessoas LGBTTQIA+.

A ideação suicida é uma fase na qual a pessoa se encontra em total estado de angústia, ao que se refere a determinados aspectos psicológicos. Conseqüentemente, ela encontra dificuldades para conduzir os acontecimentos difíceis que perpassam em seu cotidiano. Os fatos correspondentes ao suicídio estão associados a prévias tentativas, características antissociais, agressão ou abuso no âmbito familiar, pensamentos de intenção suicida, entre inúmeros fatores que podem estar associados, inclusive, os socioeconômicos e biológicos (PEREIRA, 2018).

Para Assis (2014), os fatores de riscos à saúde dos(as) adolescentes LGBTTQIA+ podem estar associados no imaginário social, que desqualifica suas relações afetivo-sexuais por não estarem associadas a heteronormatividade. As primícias do procedimento se dão por meio da ideação suicida, onde a pessoa encontra-se sem perspectiva de vida e almeja a própria morte.

Quando se trata sobre suicídio, a sociedade ainda vê como um assunto “delicado” de falar, um tabu. Isso gera dificuldades para a juventude, que é considerada a população mais propícia a risco suicida e possui dificuldades de encontrar apoio e um ambiente adequado para expressar a sua dor internalizada (PEREIRA, 2018).

Conforme Durkheim (2000), as causas de morte situam-se fora das pessoas e somente atingem àquelas que se aventuram em sua esfera de ação. Dessa maneira, a sociedade insiste em julgar que, somente se mata verdadeiramente quem quer se matar, levando o suicídio a ser

um homicídio intencional de si mesmo. Em primeiro instante, isso seria um protótipo, a fim de rotular o ato suicida como uma peculiaridade que tivesse ao menos o defeito de não ser perceptível ou detectável. Entretanto, não é simples de ser identificado logo de início, muito menos observado.

A intencionalidade é um aspecto muito interno para ser compreendida do lado de fora. Muitas vezes enganando até mesmo as percepções interiores, a pessoa se observa por quantas vezes se engana a respeito dos verdadeiros motivos que os fazem agir (DURKHEIM, 2000).

Em consequência disso, a implementação e o manejo das políticas públicas voltadas para a atenção básica e saúde é onde se realizam os atendimentos dos indivíduos que indicam sintomas de ideação suicida, e o cuidado dos(as) profissionais é de suma importância para determinar o melhoramento dos relatos que ocorrem (STORINO, 2018).

Para este autor, as atitudes podem ser definidas como estados mentais conscientes ou inconscientes porque envolvem valores, crenças ou sentimentos, os quais predisõem os indivíduos ao comportamento ou à ação. A efetivação dessas aptidões representa um empecilho. Por isso, os(as) profissionais têm a obrigação de se atentarem para a relevância dos atos relacionados à saúde mental, priorizar as patologias e queixas clínicas, analisar e tratar as doenças associadas aos fatores psicológicos e psiquiátricos de maneira secundária, pois na maioria das vezes, a falta de um manejo especializado gera incômodos em lidar com as queixas apresentadas pelo paciente em observações relacionadas à ideação suicida.

Dessa maneira, os(as) pacientes com sintomas suicidas podem não expressarem de maneira voluntária os seus pensamentos em relação à morte, defronte ao profissional da saúde. Em consequência disso, a falta de preparação dos(as) profissionais de saúde, quando se trata de assuntos relacionados a esse contexto, pode agravar ainda mais o quadro. Ou seja, falta manejos para diagnosticar e atender de maneira coesa os(as) pacientes em risco de cometer suicídio, inclusive, dos(as) profissionais da área de saúde. A falta de preparo adequado no atendimento a pacientes suicidas pode gerar inúmeros conflitos internos, mobilizar as emoções dos sujeitos ou desencadear mais pensamentos negativos (STORINO, 2018).

Em virtude disso, há a necessidade de mais cuidado, no que se refere ao trabalho de humanização nos âmbitos sociais e acadêmicos. Não apenas quando a pessoa se encontra em estado de adoecimento psíquico ou ideação suicida, mas ter um olhar empático, onde possam ser reconhecidos em suas diferenças e tratados com equidade e sem exclusão, afinal, nunca se sabe e nem é possível prever como está a estabilidade emocional do outro.

1.2 – Marcadores Étnicos, Raciais e Sexuais: a influência do eu, no adoecimento psíquico

Na atualidade muito se discute sobre o lugar de fala ou lugar de pertencimento. Essa questão surge constantemente quando se questiona quem precisa de identidade (HALL, 2015). Sendo assim, os aspectos que compõem a identidade, muitas vezes se dá pelo fato do caráter da mudança na modernidade tardia, ou seja, no que desrespeita ao processo do mudar e seu impacto referente a identidade cultural (HALL, 2015). Para um ponto de vista analítico, os marcadores étnico-raciais, de gênero e sexuais estão subjacentes a estas inquietações, que podem ser gatilhos para supostos adoecimentos psíquicos.

O fato de existir determinados privilégios atribuídos para grupos que não são vistos como minorias é inquietante e leva a questionar o queer/cuier como uma maneira de aliança e teoria em prol do combate às armadilhas identitárias. O conhecimento, por meio de seus manejos conceituais pode colaborar para reflexões ou até mesmo promover ações contra os diversos tipos de violência naturalizada.

Para Butler (2018), o queer/cuier não é binário, ou seja, não é algo que designa identidade, mas uma nova aliança, por mais difícil que seja a luta por justiça social, política e econômica.

Quando se trata do olhar estigmatizado da sociedade, as vivências de pessoas LGBTQIA+ são visadas com preconceitos de uma suposta promiscuidade, pois, difere daquilo que é desejado pelo âmbito social e familiar. Conforme Modesto (2006; 2010), a maioria das respostas às perguntas acerca da aventada é de que a sociedade impõe as regras, discrimina e joga os homossexuais para a marginalidade.

A representação da imagem da “bicha”, preta afeminada, pobre, desempregada, pertencente a comunidade de baixa renda, impura, usuária de drogas, descarada, prostituta, meliante, ordinária, obscena, pecante, da mesma maneira que a representação do “homossexual/gay”, sábio, culto, de extrema criatividade e educação, emotivo, exemplo de filho, se enquadram nos protótipos estipulados pela sociedade.

Enrijecendo a intensidade em usar esses termos que estereotipam a comunidade LGBTQIA+ a função do grupo ativista, de maneira geral, se caracteriza em lutar pela equidade, diminuir o preconceito, com intuito de preveni-los contra as atitudes de intolerância e de ódio que a sociedade propaga, inclusive, no âmbito familiar (MODESTO, 2010).

A sociabilidade na comunidade LGBTQIA+ também é construída culturalmente. Nessa perspectiva, pressupõe-se que a população LGBTQIA+ negra encontra mais

dificuldades quando se trata de inclusão. Os grupos sociais privilegiados tendem a excluí-la do meio social, existindo também a dificuldade em se adequar às regras determinantes ao que se refere à sociabilidade na própria comunidade LGBTTQIA+, que perpassa a ideia de protótipo, quando o próprio grupo estabelece preferências ou distinções da cor, raça, etnia. O(a) negro(a) LGBTTQIA+ tende a sofrer vários tipos de opressão, ditadas pela sociedade, ele é estigmatizado devido à cor, raça etnia, e orientação sexual e, em suma, do âmbito e classe social convivente (GOMES, 2015).

Para muitas pessoas, o racismo pode não ser visado como um fenômeno social, entretanto, as pessoas que enfrentam cotidianamente situações de racismo costumam sempre ser confrontadas com a perspectiva de que as suas vivências são apenas fatos decorrentes de uma suposta sensibilidade ditada como excessiva ou de posição de vítima, deixando de interessar o restante da população, que costuma julgar que este fato social não é responsabilidade de todos (KILOMBA, 2020).

Conforme Fanon (1967, p. 112), “o inconsciente do branco fantasia a negritude de maneira doentia, comparada a uma suposta maldição por ter nascido naquela cor”. Ou seja, quanto mais se assemelha o valor cultural da negritude, logo, o colonizado foge de seu lugar natural. Dessa maneira, ao rejeitar suas origens e a sua negritude, mais branco se tornará, essa é a lógica do processo de embranquecimento amplamente vivido na sociedade brasileira.

Em consequência, nos primórdios a tortura reproduzida pela sociedade preconceituosa e escravocrata, tinha por utilizar a boca como uma maneira de controlar, legitimava a ditada exclusão social, reduzindo as poucas alternativas de autonomia do preto (KILOMBA, 2020).

A ideação suicida dos (as) jovens LGBTTQIA+ em ambientes racistas e etnocêntricos e sexistas pode estar associada também aos marcadores étnico-raciais que influenciam a pessoa a sentir-se inferiorizada de alguma maneira, fator que supostamente a levará a sentir dificuldades de lidar com seu emocional. Logo, o marcador de raça/etnia, gênero e sexualidade, nas discussões referentes à ideação suicida, podem influenciar a tal ato (NAVASCONI, 2018).

A negritude, muitas vezes é compreendida como ameaçadora, representa perigo, pelo ponto de vista branco, quando a imagem de uma pessoa negra, em determinados locais, não é positiva, traz à tona a representação de uma ditada exclusão social/racial. Em consequência, o branco tem mais facilidade em procurar ajuda profissional para cuidar do seu emocional, justamente por não sofrer esse julgamento/exclusão racial (KILOMBA, 2020).

Os marcadores étnicos e raciais podem desencadear aspectos referentes à ideação suicida, pois a imagem, sobretudo da pessoa pobre, LGBTTQIA+ e preta pode ser associada

ao ato de desumanização e objetificação, quando atrelada a termos como “o fodião”, “picudo”, “o melhor na cama”. Logo, a cobrança disfarçada de elogio pode influenciar nos aspectos emocionais do sujeito, quando se trata da ideação suicida (NAVASCONI, 2018).

Destarte, o colonialismo passa a ser visto como real. O imediatismo é prova disso, quando situações do passado se tornam presentes e o presente passado. Sendo assim, vivenciam-se o suposto presente como se fosse no passado, onde aspectos coloniais são reproduzidos em forma de racismo cotidiano na atualidade. A ferida atual é similar à do passado, continua aberta e sangra, o presente e passado se entrelaçam no meio dessa reprodução racista (KILOMBA, 2020).

Fanon (1968) menciona o fato de que para a humanidade avançar há de se levar a humanidade a um nível distinto do qual a Europa colonizou. Isso requer perceber a centralidade da pessoa, do seu corpo e da cultura, política e social.

CAPÍTULO II

A NÃO ACEITAÇÃO, INCLUSÃO POR MEIO DA SOCIEDADE E NO ÂMBITO FAMILIAR

2.1 - Lugares de Acolhimento ou Repressão?

Quando se trata da prevenção de tragédias, decorrentes da ideação suicida, a informação e prevenção são as maneiras mais eficazes para garantir a redução do índice de transtornos e até mesmo do próprio suicídio. Sendo assim, é possível de modo consciente, amenizar o sofrimento causado pelo impacto sofrido no âmbito familiar e social. Dessa maneira, o(a) profissional em situações de atendimento às pessoas em risco suicida há de ter um olhar mais humanizado em prol do diagnóstico antecipado para um atendimento adequado.

Conduas que têm como definição diferentes níveis de estados mentais conscientes ou inconscientes na pessoa podem envolver as crenças e valores, interferir no seu sentimento, ao qual, poderá predispor aos sintomas comportamentais ou até mesmo às ações. Nesse contexto, o apoio psicológico é de extrema necessidade, para a pessoa, bem como para as famílias, tendo em vista que, obtém uma viabilidade ao que se refere à aceitação. Sendo assim, com a revelação da orientação sexual, alguns conflitos podem aumentar, sobretudo entre pais e filhos. Ou seja, é de extrema relevância que tenha um acompanhamento potencializado para ambos (STORINO, 2018).

Os impasses e fatores de riscos, frente ao comportamento suicida na população LGBTTQIA+ podem ser identificados de acordo com o imaginário social que o indivíduo vivencia, visto que, as primícias do procedimento se dão por meio da ideação suicida. Quando se trata sobre suicídio, a sociedade ainda vê como um assunto “delicado” de falar, um tabu (PEREIRA, 2018).

Quando a pessoa relata à família sobre sua sexualidade, casualmente, haverá conflitos e discórdias na relação do âmbito familiar. Analisa-se a decisão dos(as) jovens em assumir a sua orientação sexual ou não, pois o impacto causado aos familiares pode desencadear uma frustração imensa. Em muitas famílias, surgem dificuldades para continuar vivendo no mesmo ambiente acolhedor. No âmbito social não é diferente, principalmente na escola/colégio/universidade. Os familiares têm objeção em aceitar a orientação sexual dos filhos, podendo intensificar as dificuldades neles em se auto aceitarem. Quando o assunto é

identidade de gênero, a sociedade de maneira geral é preconceituosa em inúmeros países, principalmente no Brasil.

As famílias tendem a exteriorizar atos agressivos e todo tipo de violência que certamente evidenciará indícios de intolerância, causando desapontamento e insegurança, por se deparar com a ideia de ter um membro LGBTTTQIA+ existente na família (MODESTO, 2010).

Ainda, convém lembrar que, manejos de prevenção poderiam ser fornecidos como elementos para melhora na formação dos (as) profissionais, ao lidar com pacientes frente a estas situações de riscos. Modesto (2010) assegura que as famílias, tanto quanto os (as) jovens, necessitam de apoio para conviver bem com a revelação da orientação sexual da pessoa com ideação suicida (STORINO, 2018).

Destarte, na atualidade ainda é muito comum que a figura dos LGBTTTQIA+ seja compreendida como promíscua, quando direcionada as suas vivências nas ruas, escolas, bares, boates, trabalho e afins. Esse pensamento existe devido aos estereótipos estipulados pela sociedade e no âmbito familiar.

Muitas pessoas ainda concebem membros da população LGBTTTQIA+ como sem caráter, que preferem ser “safadas” e escolhem a libertinagem, fugindo dos valores tradicionais exigidos em uma sociedade cisheteronormativa.

Em consequência disso, aquela pessoa que não é aceita pela família vive frustrações e sofrimentos decorrentes por não se sentir incluída e acolhida. Quando os(as) filhos(as) não são devidamente aceitos(as) em sua totalidade passam a ter motivos para mentirem, esconderem informações ou guardarem segredos, por medo de serem julgados (MODESTO, 2010).

2.2 - Luta por direitos e as dificuldades em ser LGBTTTQIA+

Neste tópico analisa-se a luta da população LGBTTTQIA+ por direitos. As conquistas existem, mas os desafios são muitos e a luta por equidade e direitos muitas vezes pode ser exaustiva ou padecedora, podendo intensificar frustrações que contribuem com a hipótese de adoecimento psíquico.

Nos primórdios do século XIX, as percepções sobre a existência da homossexualidade começaram a ser estudadas. No âmbito social, o ditado homossexualismo era um termo usado para enfatizar a ideia de patologia. Ainda neste século, essa afirmação sobre a

homossexualidade ser doença perpassou por um suposto manejo de levar em consideração que a prática sexual entre pessoas do mesmo sexo, seja de fato e não patológica (SILVA, 2012).

Os(as) jovens LGBTTTQIA+ que, de certa maneira, vivenciam mais condições de risco suicida sofrem influência de inúmeros fatores que corroboram para isto, como os sociais, familiares e laborativos. Comparado aos jovens heterossexuais, que não fazem parte deste grupo, os LGBTTTQIA+ tendem desenvolver o adoecer emocional com mais facilidade (ASSIS, 2014).

De acordo com os acontecimentos, os manejos que têm como definição diferentes níveis de estados mentais conscientes ou inconscientes na pessoa envolvem crenças pessoais, familiares e afins, valores ou aspectos que causam sentimentos pelos quais podem predispor aos sintomas comportamentais ou até mesmo as ações (STORINO, 2018).

A população pertencente a população LGBTTTQIA+ luta por seus direitos, em busca de que seja considerada a cidadania, equidade, democracia, direitos humanos e, principalmente os direitos democráticos referentes ao reconhecimento das identidades, sobretudo étnico-raciais, de gênero e sexualidade.

Em consequência, a movimentação social contemporânea, a cidadania e democracia se movimentam em pautas de lutas constantes. Dessa maneira, as dinâmicas estipuladas apresentam esse contexto que se reverbera de inúmeras dimensões a fim de construir uma sociedade livre do preconceito e, ao mesmo tempo, democrática, priorizando os litígios da política, economia, inclusão social e cultural (RIOS, 2006).

Na atualidade, muito se tem discutido sobre o direito de cidadania nas relações de pessoas LGBTTTQIA+, devido às declarações, tratados e normas em âmbitos internacionais e nacionais, porque todas as pessoas têm livre arbítrio para se relacionarem com quem desejarem. Sendo assim, a estima se refere ao contexto jurídico e na elucidação do que de fato se constituem as famílias, pautadas na diversidade e em vínculos de afeto entre as pessoas. Dessa maneira, as relações tendem a serem legitimadas e igualitárias, no que remete aos direitos por meio de uma afeição positiva (COSTA, 2015).

Liberdade, igualdade e dignidade são os principais estruturantes, derivados da ideia dos direitos humanos e dos direitos constitucionais fundamentais, para a construção de um direito democrático da sexualidade. Conforme Rios (2006), do ponto de vista jurídico, os conceitos de direitos reprodutivos e sexuais têm traduzido em esforços, comparados a décadas anteriores, entretanto, apesar dos avanços e vitórias obtidas, razões de ordem teórica e prática recomendam avançar mais.

Destarte, considerada a prerrogativa dos direitos humanos, como componentes imprescindíveis das necessidades básicas relacionadas as vivências cotidianas, quando há a necessidade de se aplicar em populações vistas como minorias falta equidade, pois as vivências são distintas e para alguns pesam muito mais. Por exemplo, a saúde da população LGBTTTQIA+ é visada pelos órgãos de serviços de assistência à saúde com teor de vulnerabilidade, apesar da garantia de acesso e inclusão dessa população nos serviços da saúde. Partindo desse pressuposto, discorrer sobre vivências LGBTTTQIA+ é chamar atenção sobre as problemáticas que envolvem a sexualidade humana, dos enfrentamentos vivenciados, da diversidade sexual e de gênero, compreendendo elementos significativos de construções sociais.

Desde os primórdios, pertencer à comunidade LGBTTTQIA+ é sinônimo de viver em um contexto permeado de discriminação e preconceito, principalmente quando se trata da demanda por políticas públicas relacionadas aos atendimentos e serviços da saúde pública. É notória a falta de conhecimento aprofundado referente às necessidades de assistência à saúde LGBTTTQIA+ por parte de alguns profissionais, bem como a situação de que as pessoas pertencentes a essa população tendem a apresentar uma suposta resistência para pedir ou procurar ajuda nos serviços disponíveis nos setores de saúde pública.

Em todo instante fica mais evidente as atitudes preconceituosas existentes cotidianamente. Muitas vezes, as pessoas LGBTTTQIA+ tentam esconder a orientação sexual, para que o tratamento no setor público não seja diferente dos demais, causando uma limitação que pode comprometer a qualidade do atendimento da equipe de assistência.

Em se tratando da população homossexual feminina, ainda pode ser mais difícil, por acarretar um distanciamento, evitando por exemplo de realizarem exames de rotinas que deveriam ser feitos com frequência. A falta dessa procura acontece devido os atos discriminatórios também da equipe inserida no setor (ALBUQUERQUE, 2013). Destarte, para uma melhoria nos atendimentos principalmente públicos, toda equipe deveria fazer um curso humanizado direcionado para lidar com a população LGBTTTQIA+, a forma de tratamento coopera muito para todo tipo de prevenção, principalmente de pacientes com ideação suicida, o acolhimento e empatia devem andar juntos nesse processo.

CAPÍTULO III

METODOLOGIA E ANÁLISE DOS DADOS

Como proposto, o objetivo geral desta pesquisa é analisar as ideias suicidas entre as pessoas LGBTTQIA+, identificando como as relações étnico-raciais podem intensificar o adoecimento psíquico. Para tanto, neste capítulo descreve-se a metodologia empreendida na investigação para alcançar tal objetivo. Portanto, com uma abordagem qualitativa, estuda profundamente os fatores que podem levar as pessoas ao adoecimento psíquico, por meio da análise das experiências de pessoas da comunidade LGBTTQIA+, participantes deste estudo.

O arcabouço desse estudo circundou as concepções características da pesquisa científica qualitativa, com as técnicas de entrevistas e grupo focal, dando ênfase a organização de ideias e diálogos construídos durante os encontros.

Sendo assim, os métodos de analisar na pesquisa qualitativa precisa conter os termos estruturantes da investigação, onde deve-se compreender e interpretar, para que as experiências vivenciadas nos aspectos sociais sejam pertinentes nas discussões e análise final. A partir dessas características esmiuçar o objeto, que já vem sendo investigado durante o processo e nas demais etapas anteriores, predominando a essência dos colaboradores em sua totalidade e diversidade, não apenas nas falas (MINAYO, 2012).

Destarte, de acordo com Flick (2009), o grupo focal tem como intuito investigar de maneira técnica com o objetivo de alcançar o maior número de informações e relatos entre os cooperadores da pesquisa, onde a temática discutida é estipulada pelo pesquisador, respeitando a subjetividade de cada sujeito.

De acordo com Flick (2009), a técnica de grupo focal agrega muito em pesquisas sociais e humanas. Aplica-se em um curto prazo e com baixo custo e, ainda assim, identificar as inquietações de maneira detalhada e assim buscar informações e produzir novos conhecimentos acerca das discussões trazidas.

Nesse sentido, para o desenvolvimento da pesquisa construiu-se um grupo interativo que culminou com a realização dos encontros em grupos focais com a comunidade LGBTTQIA+ do município de Jequié e região. A intenção com este grupo foi produzir informações, por meio de grupos focais constituídos em espaços de diálogos e debates acerca da temática supracitada, rodas de conversa, dinâmicas de grupo, desenvolvimento de habilidades e acolhimento psicológico e momentos de escuta individual, caso houvesse necessidade, com base em Pérez (1997).

A possibilidade de intervenções psicológicas no grupo têm como propósito obter dados sobre os processos e fenômenos que acompanham determinados aspectos técnico-procedimentais da intervenção, na atualidade se aplicando a diferentes grupos (PÉREZ, 1997). Esses diálogos buscam atender aos objetivos desta investigação. Não é a intenção, mas caso seja oportuno, é possível que os/as colaboradores/as possam sentir-se mais preparados para exercerem o autocuidado, autoconhecimento e autoaceitação, caso haja situações de risco suicida.

A participação da comunidade LGBTTTQIA+ se deu de maneira voluntária e, para convidá-los(as) a compor este grupo, contou-se com a colaboração da Associação dos ALGBTTIS do município de Jequié, que auxiliou na divulgação para seleção das pessoas dispostas a colaborar com este trabalho. Este grupo teve a durabilidade de, aproximadamente, dois meses, quando se promoveu os encontros quinzenais, compostos por oito participantes.

Como instrumento de coleta de dados, todos os encontros foram gravados em áudio e registrados em um diário de campo, dispositivo de observação direta intensiva, discorrendo sobre os acontecimentos. A coleta de dados no grupo focal teve por intuito basear-se na tendência humana, quando as opiniões são formadas e atitudes reformuladas na interação entre as pessoas. No diário de campo foram registradas as observações do pesquisador diante das situações vivenciadas com o grupo (FLICK, 2009). Esse material foi utilizado para análise das informações da pesquisa.

Diferente do método de entrevista grupal, o grupo focal pode levar a uma análise com mais coesão, onde foram utilizados alguns manejos com intuito de desencadear aspectos centrais de um conhecimento mais aprofundado (FLICK, 2009).

Para os encontros elaborou-se um roteiro prévio, com a ressalva de que poderia haver alterações conforme interação com o grupo, durante o processo.

Foram previstos riscos que poderiam acontecer no decorrer dos encontros, mas, como psicólogo de formação, foram utilizados manejos terapêuticos com acolhimentos e diálogos frequentes para lidar com as situações. Por ser uma temática de autoconhecimento, era previsível que supostamente as pessoas se intimidassem, fragilizassem e até mesmo apresentassem supostas crises de ansiedade ao discorrer sobre determinada situação/angústia.

Logo, utilizou-se uma metodologia de acolhimento psicológico, com momentos de escuta a sós com os membros do grupo de forma individualizada, a fim de dar suportes nas queixas apresentadas. Caso houvesse necessidade de um acompanhamento mais intensivo, os (as) participantes seriam encaminhados para redes de atendimentos psicológicos gratuitos, fatos que não ocorreram.

Este projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da UESB (CEP-UESB) para análise da proposta, com número do parecer: 5604.482e, sendo aprovado em 25 de agosto de 2022. O início da pesquisa empírica ocorreu logo após a aprovação do referido Comitê. Previu-se que, para iniciar a produção das informações, caso os(as) participantes aceitassem colaborar com a pesquisa, assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)² apresentado pelo pesquisador e discutido com o grupo. Os participantes assinaram e são identificados durante todo o trabalho e em produções que poderão surgir a partir dele, com pseudônimos, para preservar suas identidades.

3.1 - Instrumentos de Coleta de Dados

Para melhor entendimento e aproveitamento, o grupo formado por oito componentes foi dividido em dois subgrupos. Essa divisão ocorreu devido aos(às) colaboradores(as) serem de cidades distintas. No primeiro grupo, aconteceram dois encontros com cinco pessoas, no município de Jequié, realizado na UESB. Logo após, ocorreram encontros separados com as três pessoas em suas respectivas residências, no município de Salvador – Bahia. Neste último não foi possível a realização dos grupos focais, nesse sentido utilizou-se a entrevista.

3.1.1 - Primeiro Encontro - Grupo Focal – realizado em Jequié

No primeiro Encontro, inicialmente foi apresentada e discutida a proposta da pesquisa, lido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que foi assinado por todas as pessoas que aceitarem participar do trabalho. Em seguida foi entregue um questionário com informações gerais sobre o perfil de cada participante e solicitado que todas(os) respondessem. Destarte, o termo supracitado encontra-se no final do trabalho como apêndice.

Na sequência, foi aplicada uma dinâmica de Grupo, em prol da integração dos membros e estabelecimento de um determinado nível de intimidade e confiança. Foram usadas técnicas de dinâmica das qualidades, como se fosse um amigo oculto, quando cada participante, por meio de sorteio, atribuiu uma qualidade para o(a) outro(a), ao invés do presente físico, estabelecendo um vínculo de afetividade entre os(as) colaboradores(as).

Logo após, discutiu-se sobre as seguintes questões:

1 – Em questão de estrutura física e localidade, como é o lugar que vocês moram atualmente?

2 O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido encontra-se no Apêndice D deste texto.

- 2 – Como definiriam suas vivências no âmbito familiar?
- 3 – Como é o cotidiano de vocês nos ambientes de trabalho ou acadêmico? Como vocês lidam com a ocupação profissional e/ou acadêmica frente as suas vivências como LGBTTQIA+ ?
- 4 – Ao longo das suas existências, como tem sido suas vivências afetivos-sexuais, como LGBTTQIA+?
- 5 – Comente como vocês lidam com a questão da autoaceitação?
- 6 – Na opinião de vocês, o que interfere na autoaceitação?
- 7 – Para vocês, como o marcador étnico-racial interfere nas suas vivências de gênero e de sexualidade?

O primeiro encontro encerrou-se com uma sensibilização sobre a importância em ocupar lugares, realizar discussões dessa natureza, fazer valer o lugar de pertencimento e, principalmente, de fala. São nessas inquietações que surgem ideias e manejos para lidar com as adversidades enfrentadas cotidianamente, como pessoa pertencente a população LGBTTQIA+. Foram feitos os agradecimentos pela colaboração e articulada em conjunto a data para o segundo encontro.

Quando se trata de pesquisa científica com seres humanos, cabe fazer um exame minucioso e não fazer julgamentos. Destarte, constata-se não ser possível ter uma compreensão completa acerca dos fenômenos socioemocionais que estão sendo discutidos nesta pesquisa.

3.1.2 - Segundo encontro – Grupo Focal em Jequié

No segundo Encontro houve a análise psicológica – a partir das discussões acerca do autoconhecimento e da escuta sobre como os integrantes relatam sobre o processo e o período de autoaceitação ou não aceitação em relação ao gênero e sexualidade dissidentes e às identidades étnico-raciais.

Ademais, os participantes da pesquisa comentaram sobre ações e pessoas que foram imprescindíveis no apoio e em ações de conscientização sobre como praticar o autocuidado no cotidiano, frente às situações de riscos. Logo após, a discussão se pautou acerca do que foi trabalhado durante o encontro anterior até aquele momento.

A dinâmica inicial de acolhimento prosseguiu com a discussão embasada na proposta da segunda parte das questões norteadoras para discussão. Trabalhou-se em praticar o autocuidado no cotidiano, frente às situações de riscos. Logo após, discutiu-se acerca do que foi trabalhado nos encontros anteriores até aquela ocasião.

Nesta oportunidade, trabalhou-se com as seguintes questões norteadoras:

8. Em algum momento de sua existência, já pensou em sumir, não ter nascido ou morrer, frente alguma situação difícil?
9. Comente sobre como esses pensamentos impactaram na sua saúde mental?
10. Já se sentiu inferiorizado/excluído devido sua sexualidade, cor ou etnia?
11. Como tem lidado com as frustrações frente a sua identidade?
12. Qual a avaliação geral vocês fazem deste grupo focal?

Os(as) participantes foram convidados para um lanche, como forma de gratidão e celebração por esses momentos, embora de forma singela. Sendo assim, ir ao campo vai além de buscar dados e obter resultados. Perceber e acolher o outro em sua totalidade é um ato de empatia, assim é o manejo perseguido pelo pesquisador, cada qual incrementando de sua maneira. Esses gestos simbólicos tiveram a intenção de tornar o processo mais leve, significativo e humano, com uma práxis com base no respeito, a começar neste campo de pesquisa.

Após encerrar tais encontros, houve uma conversa individualizada com os participantes sobre as questões trabalhadas, como forma de gratidão e acolhimento no sentido de trabalhar a autoaceitação e valorização pessoal. Foi um momento significativo e acolhedor, onde todos(as) afirmaram se sentirem contemplados, reconhecendo seus valores e qualidades.

3.1.3 - Encontros com os três participantes da pesquisa em Salvador, para entrevista individual

Na formação do grupo encontrou-se cinco pessoas dispostas a colaborar com a investigação, dentro do perfil necessário com relação ao objeto de pesquisa, Por conhecer três pessoas dispostas a colaborar, mas que moravam em outra cidade, tentou-se organizar de modo a realizar em Salvador, dois encontros coletivos para a realização do grupo focal. Entretanto, por dificuldades de agenda dos participantes e, por não haver mais tempo hábil para aguardar optou-se por adequar as disponibilidades e optou-se pela entrevista individual.

Sendo assim, as entrevistas aconteceram nas respectivas residências de cada um, de maneira separada. Ou seja, em Salvador não foi possível realizar o grupo focal, então foram utilizadas técnicas de entrevista de maneira individual para que respondessem o questionário.

Apesar de não haver o grupo focal, aquilo que seria trabalhado na dinâmica foi discutido da mesma forma de maneira discursiva. As questões norteadoras foram dialogadas e respondidas, gravadas com a autorização de todos (as). Os encontros tiveram em torno de

uma hora de duração, onde deu para fazer tudo que foi planejado devido ser apenas um sujeito por dia.

Por fim, no final de ambos os subgrupos, fez-se uma avaliação das contribuições e limitações do grupo no diálogo sobre a ideação suicida entre as (os) participantes da pesquisa. Ademais, também se observou como eles(as) vivenciam as distintas percepções e atitudes acerca das fatalidades ocorridas em casos de ideação suicida com consumação do ato de qualquer fatalidade. A essência das entrevistas impediu de ocorrer a interação entre os participantes e o autor da pesquisa, como nos dois encontros que ocorreram em Jequié.

CAPÍTULO IV

ANÁLISE DOS DADOS

Para alcançar o objetivo geral deste estudo, busca-se neste tópico identificar os elementos que atuam no adoecimento psíquico, analisar os mecanismos de resistência da população LGBTTQIA+ frente à ideação suicida e discutir de que maneira os marcadores étnicos e raciais agem e provocam a intensificação da ideação suicida.

Em conformidade com Freire (2007, p. 98), “é perceptível que o ato de educar seja algo experiencial vivenciado pelos humanos. Sendo assim, pesquisar, intervir ou analisar está

além dos conhecimentos didáticos que são aprendidos ou ensinados”. Partindo desse pressuposto, conforme o autor, o ato de pesquisar/educar vai além de apenas ler ou explicar. Ser educador é também um instante de humanização, é a oportunidade para traçar momentos de confiabilidade e parceria com o grupo estudado, construindo um aprendizado, onde as trocas de experiências agregam e somam na vida de ambos.

Educar também está interligado às inúmeras maneiras culturais existentes, é neste processo que se observa como a cultura dos povos pode ser enraizada, mesmo lidando com transformações sociais (MIRANDA, 2020). Pesquisar exige algumas renúncias e decisões que refletem acerca da comodidade de cada um, podendo até tirar da “zona de conforto”, conseqüentemente, levando para outros caminhos e novas percepções. Essas características envolvem compreender a realidade do outro, sua história, conquistas e angústias, aprender a escutar e respeitar as individualidades. Dessa maneira, se desenvolve a compreensão dos níveis da diversidade humana.

Destarte, a escrita consiste em possibilidades de construções dialogáveis, direcionadas as singularidades, por meio da observação coletiva cultural e étnica, atribuindo aos aspectos sentimentais, emocionais/sexuais. O grupo das pessoas colaboradoras desta investigação é composto por oito participantes e, com base no questionário inicial, possui o seguinte perfil, conforme o quadro a seguir.

Quadro 1 – Lista dos Participantes da Pesquisa

	Nome	Idade	Cor etnia	Cidade	Identidade de gênero	Formação	Ocupação: trabalho/
1	Brendo	33	Indígena	Salvador	cisgênero e gay	gastronomia	chef de cozinha
2	Flora T.	24	Branca	Jequié	transgênero e bissexual	estudante de medicina	criadora de conteúdo digital
3	Aisha I.	32	Preta	Jequié	cisgênero e lésbica	Ensino médio	estudante de concurso
4	Stella A.	22	Parda	Jequié	cisgênero e bissexual	estudante de pedagogia	bolsista universitária
5	Nabu L.	25	Preto	Jequié	cisgênero e gay	Ensino médio	micro empresário
6	Riven E.	22	Preto	Jequié	cisgênero e gay	Estudante de dança	Dançarino

7	Sky T.	26	Preto	Salvador	cisgênero e gay	Estudante de medicina	bolsista universitário
8	Layla S.	25	Preta	Salvador	cisgênero e bissexual	Estudante de letras	bolsista universitária

Fonte: Questionário respondido pelos(as) participantes da pesquisa (2022).

Conforme os participantes foram discorrendo como se identificavam, idade, ocupação e afins, as informações foram anotadas no diário de campo, onde se deu a construção do quadro acima. Sendo assim, o colaborador Brendow relata se identificar como homem gay, porém menciona o fato de ter vivenciado anos da sua vida como mulher trans, hoje ele tem trinta e três anos, possui raízes indígenas, é gastrônomo e reside em Salvador - BA.

A Flora tem 24 anos, mulher trans, estudante de medicina pela UFBA em Salvador, É branca, e natural de Jequié - BA. Aisha é preta, Jequieense, possui 32 anos de idade, é lesbica e estuda para concurso público. A stella é bissexual, tem 22 anos, é parda e reside em Jequié - BA. Nabu, possui 25 anos, é preto, gay, microempreendedor e residente da cidade de Jquié - BA. O Riven tem 22 anos, é dançarino, gay, preto e é acadêmico do curso de dança em Jequiá - BA. Layla é preta e bissexual, tem 25 anos, reside em Salvador - BA, é graduanda em letras vernáculas e bolsista. Por fim, o Sky tem 26 anos, é preto, reside em Salvador - BA, é homem gay e acadêmico de medicina, bolsista universitário.

Em conformidade com Miranda (2020, p. 26), “cada observação é uma experiência diferente, muitas vezes torna-se até limitada quando se trata de um determinado instante ou fenômeno singular”. Na maioria das vezes, as análises e/ou percepções sobre alguém pode estar condicionada nas interações vividas e elaboradas pela visão ocular, deixando de lado as demais percepções potentes de análise, como por exemplo, o olfato, paladar, a audição e tato. Segundo o autor, deixar de colocar em prática esses outros sentidos é permitir que o corpo-território não vivencie seus aspectos de existência. Destarte, conceber a pessoa em sua totalidade apenas por percepções alheias pode ser algo indelicado ou problemático (MIRANDA, 2020).

Nesse sentido, pesquisar vai além de buscar dados e obter resultados. Perceber o outro em sua totalidade é um ato de empatia, assim é o manejo perseguido pelo pesquisador. Com a intenção de tornar o processo mais leve, significativo e humano, com uma práxis com base no respeito, a começar neste campo de pesquisa.

4.1. Os participantes da pesquisa e os encontros

Integram o grupo de participantes da pesquisa pessoas residentes nos municípios de Jequié e Salvador, no estado da Bahia. Nesse sentido, os encontros foram divididos em duas partes, na cidade de Jequié e Salvador, devido os (as) colaboradores residirem em ambas as cidades.

Em Jequié os encontros aconteceram no turno da tarde, no Laboratório de Pedagogia na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Este grupo foi composto por cinco participantes, residentes no município. O primeiro encontro no dia 18/10/2022, o segundo e último encontro foi no dia 30/11/2022, que culminou com um momento de confraternização, com salgadinhos, doces e bebidas sem álcool, em um ambiente de gratidão às pessoas que se dispuseram a participar do estudo.

Em Salvador, não foi possível a realização do grupo focal. Dessa maneira, os encontros realizaram-se na residência de cada um dos três colaboradores(as) em ocasiões com cada um participante, sendo com o Sky realizado no dia 4, Brendo no dia 9 e Layla dia 18 de novembro de 2022, respectivamente, no horário da tarde. Entretanto, o fato de reunir esses participantes para colaborar com esta pesquisa até os encontros acontecerem teve a durabilidade de, aproximadamente, dois meses, quando se planejou os encontros quinzenais. Este foi um grupo composto apenas por três participantes, residentes em Salvador – Bahia. Para iniciar, foi elaborado um roteiro prévio para ser seguido nos encontros, podendo haver alterações conforme interação com o grupo:

O 1º encontro foi iniciado com a apresentação da proposta do estudo e discussões acerca da temática e Dinâmica de Grupo (Em prol da integração dos membros, estabelecendo um nível de intimidade e confiança) essa dinâmica tem por intuito observar as qualidades (Como se fosse um amigo oculto), onde cada participante dará uma qualidade para o outro, ao invés do presente físico, estabelecendo um vínculo de afetividade entre os (as) colaboradores (as).

Para iniciar a produção das informações da pesquisa, os mesmos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que foi apresentado e discutido com o grupo. Os participantes são identificados durante todo o trabalho e em produções que poderão surgir a partir dele, com pseudônimos, para preservar suas identidades.

Aplicação do questionário. O grupo das pessoas desta investigação é composto por oito participantes

Como instrumento de coleta de dados, o encontro foi gravado em áudio (autorizado pelos integrantes), e utilizadas algumas questões norteadoras para levantar discussões acerca da temática, para que nada passasse despercebido, foi usado o manejo da gravação por áudio.

Sendo assim, a coleta de dados no grupo focal tem por intuito basear-se na tendência humana, quando as opiniões são formadas e atitudes reformuladas na interação das pessoas. O método do diário de campo, realizado nos encontros em grupo, pode levar a uma análise com mais coesão, onde foram utilizados alguns manejos com intuito de desencadear aspectos centrais de um maior conhecimento (FLICK, 2009).

Durante o momento da discussão das questões norteadoras, todos participaram como puderam e responderam de maneira em que se sentissem à vontade, sendo assim, nem todos (as) participaram de todas as questões discursivas, havendo uma suposta introspecção inicial, o que é normal.

4.2 - Identidades, pertencimentos familiares e de gênero

Conforme Hall (2015), a identidade não é dada, mas construída, e tende a ser formada de acordo com os processos do inconsciente ao longo da vida, ou seja parte de uma construção social, onde o lugar em que o sujeito está inserido pode dizer muito sobre a formação da sua identidade.

Nessa perspectiva, ao questionar aos participantes sobre onde moram, Nabu explicou que seu lugar de moradia é *“bem estruturado, casa comum como de todo cidadão brasileiro, é bem acessível. É um bairro de classe média/baixa, mas dá pra viver com um pouco de qualidade de vida”* (NABU, 2022). Aisha menciona que houve uma melhoria no momento atual em sua residência: *“lá é bem confortável, vivo bem hoje em dia, moramos só eu e minha mãe”* (Aisha, 2022).

Sobre como as pessoas definem as suas vivências no âmbito familiar. Layla respondeu que para ela, *“na atualidade é muito tranquilo”*. Já Brendow enfatizou que, depois de muitas idas e vindas, está mais tranquilo, mas já foi muito difícil, logo quando começou o processo da transição para se tornar a Karem. Brendo, quando mais jovem se descobriu como mulher transexual e decidiu vivenciar experiências de acordo a sua orientação, mas depois de alguns anos percebeu que não se identificava mais como mulher e deu início ao processo de desconstrução de gênero, voltando a se identificar como homem gay.

Sky menciona que sempre foi conturbado. *“Sempre tive uma relação difícil com meu pai. O perfil dele é de não dar afeto e sempre responder com agressividade”*. Para Stella, o contato com a família não é frequente, na verdade, ela parece evitar manter um laço afetivo, conforme explica. *“Eu não tenho contato muito com a minha família, desde os 16 anos que*

não temos contato. Eles sabem de mim, mas meu contato é muito pouco pelo bem da minha saúde mental” (Stella, 2022).

No caso de Riven, a convivência com as mulheres da família sempre foi muito tranquila, mas com os homens sempre foi uma “*experiência péssima*”, e contou que não tem uma boa relação com os tios e primos. Conforme Flora, logo no início do processo de aceitação ocorreram dificuldades momentâneas, mas ela agiu de maneira natural e se esforçou para que os familiares naturalizassem também. “*Lá em casa, hoje, é de boa! Não é um tabu! No início foi difícil me aceitarem, mas tentei naturalizar da melhor forma possível. Eu fiz naturalizar e aceitar!*” (Riven).

Aisha prefere não dialogar com os membros de sua família sobre a sua sexualidade e, supostamente, aparenta lidar bem com essa escolha. “*Não falamos sobre a minha sexualidade*”.

Geralmente, os pais e as mães ou outros familiares esperam que seu(s)/sua(s) filhos (as) sejam heterossexuais e sigam padrões julgados “normais” pela sociedade, logo quando um filho assume outras sexualidades, no âmbito familiar, tende a não ser aceito pela família. Essa rejeição inicial pode causar sofrimento psíquico no filho por acreditar que, por não ser heterossexual, pode ser um fardo dentro de casa. Logo, não são aceitos como são, assim os julgamentos negativos fazem com que se escondam, mintam e se afastem da família. Nesse sentido, há um paradoxo no quesito amor dos pais e mães pelos (as) filhos (as), pois conforme o comportamento dos genitores(as), o amor que eles sentem impede de permitir aceitar a sexualidade dos filhos, por julgarem algo errado (MODESTO, 2010).

A família reflete a vergonha que os pais e mães sentem, passa a ser um misto de sentimento de falha, preocupação e perda. Hipoteticamente, ter um (a) filho (a) homossexual desencadeia inúmeros fatores emocionais na vida dos (as) pais e mães, principalmente a baixa autoestima, fazendo com que haja um afastamento momentâneo ou duradouro na relação entre ambos. Logo, o filho passa a sentir vergonha devido desenvolver um pré-julgamento negativo sobre suas próprias ações (MODESTO, 2010).

Destarte, a família pode desenvolver comportamentos de rejeição com um certo misto de cuidado excessivo ou cuidado de acordo com aquilo que pensam sobre o cuidado, é como se fosse começar do zero, um novo membro na casa onde novas vivências positivas e negativas surgirão. Em conformidade com Miskolci (2012), as ações da ditadura militar agia como maneira de predominação masculina, ações esta que eram reproduzidas através da violência. Para o autor, a masculinidade tóxica ou hegemônica, perpetuam hábitos que homens usam o poder referente a sexualidade para provar sua superioridade, na maioria das

vezes prejudicando homens e mulheres do seu convívio e a si próprios. Seja nos âmbitos sociais, familiares ou até mesmo acadêmicos e de trabalho.

Na escola, por exemplo, é um ambiente onde as identidades são reconstruídas por crianças e adolescentes. Sendo assim, essa normalização social e da educação escolar colaborar para o supracitado adoecimento psíquico, pois, propor algo que fuja do caráter normativo da escola ou do âmbito social, pode custar caro (MISKOLCI, 2012).

Por mais difícil que seja, a base familiar ainda é visada como um alicerce, onde o sujeito encontra uma fortaleza, orientação e direcionamento. Sendo assim, ao revelar sua orientação sexual, o sujeito, de certa forma pode se sentir mais seguro no âmbito familiar, mas isso não se aplica em todos os casos. Esses sujeitos ainda correm o risco de serem vítimas de preconceito, homofobia, podendo desencadear um sofrimento emocional e até mesmo físico.

Por outro lado, a revelação da orientação sexual, quando em uma família tradicional permite que a pessoa se sinta protegida e acolhida pelos familiares e amigos(as) mais próximos, assim, mantendo uma estabilidade afetiva emocional. Destarte, a suposta ocultação da identidade ou orientação sexual, também pode desenvolver problemas de vários fatores psíquicos, sociais e familiares, tornando limitante a procura por ajuda profissional (NASCIMENTO, 2018).

Quando se trata de perceber a totalidade do sujeito, é preciso identificar como é o desenvolver do cotidiano de cada um/a nos ambientes de trabalho ou acadêmico, de atividade física e afins e, ao mesmo tempo, entender como lidam com a ocupação profissional e/ou acadêmica perante a sexualidade. Para Nabu, que atua como empreendedor, as vivências alternam devido a maneira com que ele se posiciona ou externa algum tipo de apoio a determinada situação.

Posição de empreendedor. No meu caso não tenho como definir, estou no lugar de líder, eu trabalho pra mim mesmo, então como a produção é em família é tranquilo. Mas, sinto que nas redes sociais quando a gente faz algum post ou campanha sobre LGBTTQIA+ e perdemos vários seguidores, alguns clientes não aceitam o posicionamento das empresas (Nabu, 2022).

Aspectos como este que Nabu citou, tem muita influência devido ao comportamento dos LGBTTQIA+ frente aos padrões estipulados pela sociedade. Em conformidade com Albuquerque (2013), esse tipo de comportamento social, se dá em parte ao contexto convivente, trazendo um reflexo de exclusão e preconceito devido os comportamentos não serem considerados normais de acordo com aquilo que venha ser empregado pela família tradicional.

Sky menciona não permitir que usem a orientação sexual dele para diminuí-lo no âmbito de trabalho e da universidade. Para Brendo, as vivências sempre foram difíceis como homem gay, mas quando se identificava com mulher trans tinha mais facilidade em se manter, ainda explica:

Nossa! Muito difícil, ainda mais que sou Cheff de cozinha. É como se fosse uma afronta para determinados subordinados ter um Cheff gay, como já aconteceu uma vez de um ajudante de cozinha se rebelar contra mim, devido a minha sexualidade. Quando eu era a Kareem era muito mais fácil, até porque comecei a trabalhar desde cedo e a me envolver com os caminhoneiros que passavam por minha cidade, até começar a ganhar dinheiro de verdade, quando comecei a transição e todo o processo. Eu era desejada, procurada (Brendo, 2022).

Para Flora, a opressão sempre existiu. Ela menciona o fato de sentir alguns desconfortos devido a sua sexualidade, principalmente do âmbito acadêmico:

Opressão na faculdade de direito. Quando eu cursava direito, eu me sentia oprimida por “Bolsominions” lá da sala, e eu estava no início da transição. Eram pessoas que se diziam católicas, conservadoras e evangélicas. Diziam que eu era muito ousada por estar me posicionando de tal forma dentro da universidade, como se eu também não tivesse o direito (Flora, 2022).

Quando se constrói uma identidade segura e isso foge dos padrões impostos pela sociedade, de certa maneira, causa uma repulsa social por não cumprir aquilo que fora imposto. Sendo assim, a identidade personificada torna-se incoerente por ser diferente. Esses sujeitos são confrontados por uma multiplicidade desconcertante das identidades (HALL, 2015).

Stella menciona o fato de sempre se sentir oprimida no curso de pedagogia, devido a profissão ser direcionada ao ensino infantil. Ela diz que era criticada o tempo todo por não cumprir os padrões estereotipados pelas colegas e relata.

Sofri opressão no curso de pedagogia na UESB. Por eu ser diferente. Na minha sala a maioria eram pessoas mais velhas evangélicas. Era como se eu não pudesse ser diferente do “padrão de pedagoga”: na minha sala era todo mundo de cabelão, saião jeans... E eu sempre falava “Gente, eu vim pra renovar isso aqui”. Teve até um período que coloquei tranças no cabelo e as colegas desdenharam e falaram que não era legal pra uma pedagoga. Esse foi um dos motivos que me fez trancar o curso. Inclusive, por falas de algumas professoras, que falavam sobre atitudes e comportamentos mal vistos para uma professora de educação infantil (Stella, 2022).

Stella discorre um acontecimento muito forte, quando relata que foi criticada pelas colegas de curso devido ter aderido ao uso de tranças no cabelo.

Para Gomes (2002) um dos caminhos para uma boa ampliação dos estudos raciais na educação, para que haja uma compreensão com a relação com o universo simbólico, se dá na construção de um olhar mais detalhado frente a educação como processo mais humanizado, onde precisa-se incluir processos educativos não-escolares.

Destarte, nota-se que as vivências, representações e opiniões das pessoas pretas frente ao âmbito escolar, necessita de temáticas que nem sempre são destacadas no cotidiano, que merecem um estudo mais aprofundado (GOMES, 2002).

Conforme Gomes (2002), a relação do negro com o corpo e o cabelo é uma dessas temáticas, porque o corpo fala a respeito do estar no mundo, pois a localização na sociedade dá-se pela sua mediação no espaço e no tempo. Logo, constata-se um racismo estrutural cristalizado, onde associa a imagem de professora infantil como angelical e comportada, como diz: “*padrão de pedagoga, todas de cabelão, saião jeans e blusa fechada*” (Stella, 2022). Para Butler (2018), o corpo não é um lugar onde acontece uma construção; é uma destruição cuja ocasião o sujeito é formado. Essa formação é o enquadramento, a subordinação e a regulação do corpo no sentido de normalização.

Para Riven sempre há opressão no quesito dança e dançar, que é a sua área de estudos e profissão. Ele explica sobre as experiências vivenciadas nos trabalhos como artista:

Quando se trata do corpo gay dançante, na academia, eu sempre descubro algo novo e isso me complementa como profissional e humano. Mas, dentro do contexto bailarino de dança ou de competição, somos cobrados a dançar com o corpo masculinizado, até porque na maioria das vezes estamos dançando com alguma menina, então eles pedem um corpo viril, um corpo másculo, se você dançar parecendo ela, não vai servir pra mim (Riven, 2022).

Para Riven, ser diferente ou apresentar trejeitos afeminados pode lhe custar um desconforto em determinados locais, e isso tem impacto em seu emocional, pois para ele é doloroso ter de agir de uma maneira imposta, quando deveria se expressar como quisesse.

Em conformidade com Foucault (1988), quando se trata do processo de construção social, é notável que as vivências dizem muito sobre como as características que compõe a existência humana podem influenciar na construção da identidade da pessoa. Destarte, essas composições não definem essa formação como algo impulsivo ou imutável. Ao perpassarem pelo pensamento da pessoa em processo de construção e desconstrução, esses questionamentos podem causar inquietações a ponto de desenvolver um suposto adoecimento

psíquico, justamente pelo indivíduo entender que a sua sexualidade não está de acordo com as normas impostas pelo pensamento tradicional da sociedade.

Na sequência das ações no grupo focal foram travados diálogos em relação a existência humana e as experiências sexuais. Logo, foram questionados como tem sido as vivências afetivos-sexuais, como pertencentes a população LGBTTQIA+.

Brendo menciona que está evoluindo nesse sentido, mas ainda se sente incomodado com os padrões de beleza impostos pela própria população LGBTTQIA+. Segundo ele,

é um processo que estou vencendo, na atualidade. Quando eu era Karen, era tudo mais fácil, me sentia desejada, ganhava muito dinheiro e presentes. Hoje, como homem gay sinto algumas dificuldades, principalmente quando se trata de padrões de beleza, onde eu perco por que não me enquadro por não corresponder às expectativas exigidas (Brendo, 2022).

Na atualidade, a pessoa tenta construir uma suposta identidade estável, mas se torna um fragmento composto não apenas de uma, mas de várias identidades, passando assumir cada uma delas em diferentes lugares sociais. Essas personalidades distintas, costumam ser contraditórias ou até mesmo mal resolvidas, tornando o processo variável, problemático ou até mesmo provisório (HALL, 2006).

Sky relata que se sente conturbado. No início do processo de aceitação, ele tinha dificuldades em entender e respeitar o momento do outro, acrescentando-se a isso o fato de sempre se sentir inseguro, ao ponto de não se entregar por inteiro em suas relações afetivas e sexuais.

Flora qualifica suas experiências como *ruins*, pelo fato de ser trans, inclusive. Ela usa expressões para explicar o que sempre a deixa abatida e pensativa ao imaginar que as pessoas pensam: “*Ela está carente*”, “*é travesti, vai aceitar qualquer coisa, uma noite de sexo*” e constata que no final das contas *é tratada como* “*algo descartável*”.

Seguindo a discussão, Nabu aproveita a fala de Flora e complementa:

Comigo também, devido fato da masculinidade, as pessoas LGBTTQIA+ tendem a querer um estereótipo padronizado, um parceiro mais másculo, no Grindr (aplicativo de relações afetivo-sexuais para gays), acontece muito, os caras já chegam perguntando se somos afeminados, nem um boa noite dão. Afeminado não serve, tem que ter um corpo viril e másculo para satisfazê-los, o ideal de que você está pegando um homem (Nabu, 2022).

Stella relata sobre uma experiência desagradável, que vivenciou.

No meu caso, tive dor de cabeça com um ex, quando ele descobriu que eu era bi. Começou a idealizar sexo a três, ménage³. Mas, só com mulher, com homem ele não aceita. É um fetiche, né? o corpo feminino sexualizado (Stella, 2022).

Stella relata um desconforto numa relação que teve, com referência a hipersexualização de corpos femininos, quando o antigo namorado idealiza sexo a três com outra menina devido ela ser bissexual. Na atualidade esse comportamento pode ser muito corriqueiro, os respingos da masculinidade hegemônica ainda são muito fortes e a ideia da dominação dos homens sobre corpos femininos também.

Conforme Hall (2015), uma cultura nacional apresenta um discurso ou até mesmo uma maneira de se construir sentidos e comportamentos que podem influenciar e organizar as ações, quanto a concepção que a pessoa tem de si mesma e para com o mundo. Ou seja, as vivências culturais e afetivas cooperam muito para a construção da identidade, mas isso não é algo determinante. Por exemplo, em uma das falas dos participantes da pesquisa é levantada uma questão relacionada a padronização de grupos. Muitas vezes, por não se sentirem pertencentes a determinados agrupamentos e lidarem com questões de aceitação, algumas pessoas passam a construir uma nova identidade para serem aceitas.

Partindo desse pressuposto sobre as relações interpessoais, quando interrogado aos(às) participantes da pesquisa como lidam com a questão da autoaceitação, autoimagem e personalidade, Flora relatou se amar, agora, mas relembra alguns acontecimentos do seu processo de aceitação:

Eu me amo, graças a Deus (risos). Mas, quando era mais jovem, antes da transição já tive alguns problemas por conta da aceitação, sou fruto de uma educação que foi construída no meio evangélico, então era errado ser quem eu sou (Flora, 2022).

De outra forma, Layla explica que sempre teve apoio da sua família, em sua casa “é tranquilo” e isso a ajudou a se aceitar. Partindo desse pressuposto, passou-se a dialogar sobre os quesitos que podem interferir, no processo de autoaceitação. Nabu relata sobre algumas atitudes de pessoas evangélicas e cita que a sociedade tem comportamentos arcaicos.

Estereótipos que são impostos. A visão da sociedade está completamente atrasada. Nós temos um processo de evolução que é ou deveria ser natural. Falta empatia da sociedade e, principalmente, das pessoas evangélicas que

³ Trata-se de uma expressão francesa “ménage à trois” e se refere a uma relação erótica e afetiva que envolve três pessoas.

tendem a oprimir comportamentos distintos deles, ou do modelo padrão a ser seguido (Nabu, 2022).

Para Flora existem questões relacionadas ao apagamento que ainda mexem muito com seu emocional. Ela relata um pouco e discorre que:

A aceitação, a questão do apagamento das minorias sexuais, inclusive. No meu caso por ser trans, a sociedade quer apagar/negar a nossa existência. Sempre nos levam para a uma representação marginalizada, por conta da colonização e o cristianismo (Flora, 2022).

Flora menciona o fato de se sentir excluída em determinados aspectos referentes a sua identidade como mulher trans, relata que sempre haverá essa questão do apagamento e afirma que a sociedade ainda deseja negar a existência dela. Segundo a integrante do grupo, isso se dá devido os aspectos fortes trazidos pela colonização e cristianismo.

Em conformidade com Nascimento (2018), algumas repercussões podem ser criadas, devido ao âmbito social e familiar carregarem comportamentos cisheteronormativos e colonizados, trazendo um sentimento de exclusão, preconceito e até mesmo um suposto apagamento. Porém, o comportamento do sujeito vai se aplicar de acordo ao lugar onde estiver inserido, por exemplo, se o ambiente for acolhedor, certamente vão lidar de maneira mais leve com a situação, no contrário, caso seja um ambiente rude, as dificuldades podem ser maiores, inclusive no quesito de autoaceitação.

Para Brendo, o próprio grupo LGBTTQIA+, devido às questões de padronização e estereótipos fazem vários tipos de exclusões, como a racial e principalmente devido aos corpos másculos e não másculos. Logo, se observa que isso dificulta nos demais participantes que não cumprem o requisito imposto pela própria população em ter uma boa aceitação da autoimagem. Ele cita: “*vou te dar um exemplo: As baladas LGBTTQIA+, sempre é aquele mesmo grupinho dos padrões*” (Brendo, 2022).

Devido a Brendo não se identificar com os padrões de corpos estipulados pela própria população LGBTTQIA+, ele se incomoda em sair e manter relações afetivas com outras pessoas que sejam o oposto dele, não se sentindo confortável e muito menos aceito.

Sky menciona o início do período de descoberta e aceitação e cita como exemplo o diálogo com a sua mãe:

No início quando eu me assumi pra minha mãe, conversamos muito e logo de cara foi muito conturbado, mas um tempo depois ela me aceitou e foi tudo encaminhando bem, eu já me aceitava de certa forma, e aprovação dela

ajudou nesse processo, principalmente a lidar com os problemas de fora (Sky, 2022).

Destarte, Modesto (2010) afirma que para o filho, há um constrangimento logo de início quando começa a se reconhecer como homossexual, pois ele teme a repressão de seus pais, o medo de perder o amor que fora lhe dado, e conseqüentemente os pais tendem a desenvolver um sentimento de negação ou de afastamento perante seus filhos.

4.3 - Relações Étnico-Raciais e Sexuais, a construção do ser “eu”

Destarte, o discurso identitário não se constitui de maneira homogênea como de fato aparenta, muitas vezes a pessoa constrói identidades de maneira ambígua associadas ao passado e futuro, causando um equilíbrio por conquistas passadas e o desejo em avançar em direção a aceitação e modernidade (HALL, 2006).

Quando questionados como as relações étnico-raciais interferem nas vivências como pessoa pertencente à população LBTTQIA+, Sky respondeu que interfere muito e explica:

No meu caso, tive alguns privilégios. A questão socioeconômica também, faz com que eu não passe por vivências que pessoas com menos condição que eu, vivem, da mesma forma que pessoas que têm uma condição melhor que a minha, não enfrentem determinadas situações que eu vivo. Eu sou preto, mas meu tom de pele não é tão escuro, e tenho consciência que isso também influencia ou coopera para as vivências serem distintas (Sky, 2022).

Nabu menciona que, para ele, o processo de identificação foi natural em relação a sua sexualidade, mas relata que teve dificuldades devido a cor da sua pele:

No início foi natural, embora na infância devido a igreja eu tentava me policiar o tempo todo. Mas, no meu caso era uma questão social e étnica mesmo, as minhas vivências como negro gay, a falta de pertencimento. Eu me sentia mais aceito por ser gay, do que negro. As pessoas sempre usam termos pejorativos comigo, na escola. Eu não tinha autoestima, não era o padrão colonizado. Tive momentos difíceis, e até mesmo a vontade de sumir por não saber lidar ou enfrentar, mas fui aprendendo a me impor (Nabu, 2022).

Destarte, as vivências apresentadas nessa discussão anterior, relacionadas a identidade étnico-racial podem dizer muito sobre a falta de pertencimento do sujeito negro, onde nota-se também supostos gatilhos de pensamentos suicidas devido ao racismo. O pensar sobre a morte pode pesar muito nas vivências de pessoas que perpassam por situações relacionadas a suas identidades, podendo chegar ao supracitado adoecimento.

Para Gonzalez (1984), a democracia racial muitas vezes é visada como mito, passando apenas a impressão daquilo que realmente deveria ser, e assim, passa a exercer cargas de agressividade que não compactuam com o real intuito democrático. Quando se compara os aspectos do tempo da escravidão, constata-se que existem resquício de um sistema perverso, da exclusão que o branco faz com as pessoas pretas, simplesmente por ter a cor da pele de um tom distinto, por serem ensinados que a pessoa negra deve servir, passando a imagem de servo. Sendo assim, vê-se a todo instante uma reprodução dos estereótipos quando o ser negro(a) pode estar relacionado à suposta compreensão de um sujeito que não é visado como ser humano. No Brasil, a cor diz de um pertencimento étnico-racial. Ou seja, ter a cor branca pode significar ser pertencente a uma origem étnico-racial branca e assim, ser visto como o grupo referência que, muitas vezes, não é nomeado.

Sobre etnicidade e os marcadores étnico-raciais, foi explicado aos participantes da pesquisa que a etnicidade é aquilo que difere a identidade étnica das demais identidades coletivas, é que a étnica vem de origem passada e sempre em um esquema de filiação, ou seja, o lugar em que se está inserido pode dizer muito sobre a ancestralidade, as raízes de origem, que vem de uma construção característica da etnicidade. Sendo assim, é notável que as distinções étnicas de cada grupo representam aspectos da filiação, crença, origem comum, como a cor, ocupação territorial, tipo de religião e a língua, que são atributos fundamentais e ao mesmo tempo imutáveis de um determinado grupo (BARTH, 1998).

Fatores discriminatórios como a desigualdade de gênero, causados por conta de uma marginalização se constituem em parte devido às vivências sociais e culturais heteronormativas, que respigam a exclusão social e preconceito, discrimina pessoas de orientação sexual e de gênero que diferem dos estereótipos considerados normais no âmbito social, causando situações muitas vezes desastrosas (ALBUQUERQUE, 2013).

Nessa perspectiva, Brendo menciona o fato de sempre passar por dificuldades financeiras, sobretudo nos momentos de crises identitárias durante seu percurso, como aponta no comentário descrito abaixo.

Sempre foi difícil, criado por mãe só, pobre, lavadeira. Então comecei a me prostituir com os caminhoneiros nas estradas pra poder ter meu próprio dinheiro e me sentir aceito de alguma maneira. Foi nesses encontros que me descobri como Kareem e procurei iniciar o processo de transição. Hoje, depois da graduação mesmo com algumas dificuldades vivo bem (Brendo, 2022).

Brendo relata as suas dificuldades desde muito cedo, quando ainda não tinha condições de ter uma vida estável tanto na condição identitária quanto financeira. Como muitas pessoas LGBTTQIA+ as vivências podem se tornar ainda mais difíceis em algum momento da vida, como relatou Brendo. Os níveis de sociabilidade diferem muito em cada pessoa e, para se manter, Brendo passou a se prostituir e foi quando se identificou durante um tempo como Karem, até chegar um período em que passou a exercer outras funções profissionais, não se identificando mais como tal. Além desses fatores, existe a questão de classe social que opera também, mesmo de maneira direta ou indireta. Ou seja, ser LGBTTQIA+ de classe popular é bem distinto de quem é da classe média ou alta.

Para Flora, aquelas pessoas que fazem parte da sigla LGBTTQIA+ sofrem mais do que as demais. Ela cita um exemplo de suas vivências e menciona outras questões: *“Eu sou trans branca e já é difícil conviver na sociedade, e dentro do contexto étnico-racial, acredito que a pessoa trans preta é muito mais marginalizada, dobra as dificuldades”* (Flora, 2022).

Nabu levanta questões relacionadas aos privilégios, por questões socioeconômicas e de aceitação. Ademais, cita as desigualdades, quando se trata de defender o ponto de vista vivenciado por ser negro gay. Preconceitos cristalizados frente a população negra respigam também quando se trata de atitudes homofóbicas, como se esses sujeitos tivessem de ser punidos por apresentarem comportamento julgado inadequado, pois difere daquilo que a cisheteronormatividade impõe. Esses limites e punições são definidos pelo sexismo, fundamentalismo e pela homofobia enraizada (PINHO, 2008).

Na minha vivência como negro gay agrava mais. Eu estou sendo mais afetado pela questão racial do que pela sexualidade, principalmente por questões de padronização impostas, eu também reconheço que não vou ter muitos privilégios, sempre vou ser prejudicado, porque não vou ter um emprego bem desenvolvido, posso estar na faixa de subemprego, porque um gay burrinho e branco pode ocupar meu lugar simplesmente por causa da cor, mesmo eu sendo negro e inteligente. Também tem a questão da hipersexualização, sempre acontece de alguma maneira (Nabu, 2022).

No que se refere às vivências, no contexto social existem privilégios que favorecem mais uns do que outros, por exemplo, quando se trata dos marcadores étnico-raciais, de sexualidade e gênero pode pesar muito mais, no quesito relacionado a oportunidades, quando comparado com as experiências heterossexuais. Devido ao processo de autoaceitação ser algo interno, nem todas as pessoas lidam bem com isso, pois, quando há sentimentos de inferioridade, conflitos com a identidade ou até mesmo com a autoimagem, supostamente o emocional da pessoa sofre um impacto maior, gerando dificuldades em encontrar respaldo

suficiente para lidar com as questões referentes à saúde mental, pois quando não há aceitação de si mesmo, o sujeito desenvolve um adoecimento psíquico, podendo resultar na ideação suicida (NAVASCONI, 2018).

Destarte, trazendo para o ponto de vista de Kilomba (2020), ao observar as influências de marcadores étnico-raciais e da falta de equidade quando se refere a privilégios, é notável que, em algumas circunstâncias, a presença de uma pessoa com muitas carências econômicas, com baixo nível intelectual é tido como sem importância.

Na sociedade há uma situação de exclusão histórica, com altos resquícios de práticas escravocratas, ser negro pode passar a imagem de ameaça e ser julgado como perigoso, comprovando a exclusão racial. De acordo Gonzalez, (1984, p. 225), “à medida em que as pessoas pretas estão na lata de lixo perante a sociedade brasileira, porque é desse jeito que as causas determinantes impõem a lógica de dominação”. Pois, é isso que prega o racismo reproduzido na sociedade, que o negro não deve se impor, mas ser domesticado, sendo assim uma das primeiras coisas que se percebe nessa discussão sobre racismo é que todo o mundo naturaliza isso (GONZÁLEZ, 1984). Em consequência de fatores provenientes do racismo estrutural, a intensificação no adoecer emocional da pessoa que perpassa por situações cotidianas como essas, pode ser ainda mais frequente.

Quando se faz uma análise dos aspectos referentes ao racismo e sexismo na cultura brasileira percebe-se que é estrutural e cristalizado, onde as pessoas normalizam os comportamentos preconceituosos. Para Gonzalez (1984), no pensamento do sujeito branco, o preto tem que viver na miséria, pois as suas qualidades não valem a pena, são irresponsáveis e apresentam deficiência intelectual, não gostam de trabalhar, e se não tem um trabalho só pode ser malandro ou bandido, logo, precisa ser preso. Quando se trata da mulher negra, só resta ser diarista, cozinheira, servente prostituta ou lavadeira. Pode parecer pensamentos arcaicos, mas isso se reproduz na atualidade, pois é estrutural, trata-se de consciência e de memória (GONZALEZ, 1984).

4.4 - Homofobia e Adoecimento psíquico

Quando os(as) participantes foram questionados sobre episódios de homofobia e ideação suicida, em alguns momentos de suas existências, correlacionados com o fato de terem dificuldades frente a alguma situação que não conseguiram lidar. Eles(as) relataram alguns acontecimentos vividos.

Flora discorre sobre já ter pensado em suicídio por diversas vezes. Ela acredita que nunca sentiu vontade real de morrer, mas somente de desaparecer, como uma maneira de atenuar a angústia que estava sentindo na ocasião, ainda assim, afirma que provavelmente nunca teria coragem de realmente cometer um ato definitivo contra a própria vida.

Stella expôs que já teve pensamentos suicidas, há alguns anos. Houve um pequeno desconforto nesse momento e ela não quis se aprofundar muito nessa discussão. Foi objetiva na resposta. Externar as emoções, angústias ou qualquer tipo de sofrimento emocional é algo difícil, sobretudo quando se está em público, a exposição torna-se ainda mais delicada. E com Stella não foi diferente, logo no início da discussão ela se intimidou, mas no decorrer dos debates passou-se a impressão de que foi se sentindo mais integrada e confortável com a ideia e exposição.

Conforme Durkheim (2000), quando dentro de um grupo reunido se apresenta uma problemática na mesma intensidade e exposta por meio de palavras sobre a probabilidade para o suicídio pode haver divergências mais extremas, inclusive associadas a outros indicadores como os de raça e etnia.

Brendo relata que devido ao uso abusivo de substâncias psicoativas que consumia, os pensamentos sobre o desejo de morrer aumentavam e a angústia era constante. Segundo ele, o pensar sobre a morte era frequente durante as noites:

Já tive sim! Quando eu passei muitas noites me drogando os pensamentos intensificavam, tipo, que eu era feio, que não era aceito, mas nenhuma ideia vem do nada, já era um gatilho para querer sumir no mundo. Então eu queria me matar mesmo, tentei suicídio, fui até a praia da Ondina e queria mesmo fazer isso, mas chegando lá, graças a Deus eu desisti e estou aqui contando essa história pra vocês (Brendo, 2022).

A angústia, quando associada ao consumo de substâncias psicoativas podem ser mais acentuadas, ainda mais se associadas a uma carência de afeto, sobretudo da família e de pessoas queridas. Para Sky, a falta de afetividade no âmbito familiar cooperou bastante para que esses pensamentos acontecessem constantemente com ela, inclusive nos momentos do pico de ansiedade, conforme relata:

Já sim! Talvez não tenha sido nem pelo fato da minha sexualidade, mas por falta de carinho e cuidados do lado paterna. Ele sempre foi muito frio com todos, mas não sei se por conta da minha sexualidade era ainda pior, eu era mais novo, então pode ser que ainda não tivesse identificado isso. Sem contar que a vida do hétero é muito mais fácil. No caso do gay, ele sempre tem que estar provando o quanto ele é bom, competente, já os héteros não precisam ficar se auto reafirmando sempre, e pensamentos surgem como; se

eu fosse hétero não teria que ficar passando por isso. Esses pensamentos me deixavam muito ansioso. Fico ainda, na verdade, acho que isso tem total influência nos meus picos de ansiedade (Sky, 2022).

Para Aisha, o desejo de sumir ou não ter nascido era constante, logo há ideação suicida nesse contexto. Durante a sua exposição, Aisha menciona o fato de já ter pensado em sumir, embora diz não ter sentido vontade de se matar, entretanto, a vontade constante de sumir é um sintoma de ideação suicida. Isso acontece com muita frequência, e as pessoas agem com naturalidade, sem perceber que caso esse pensamento persista, um adoecimento psíquico pode ser desenvolvido.

Após findar esse assunto, trouxe como discussão algumas observações sobre como é formado o processo de ideação suicida até que chegue ao ato do suicídio (DURKHEIM, 2000). Para o autor, o índice dos relatos sobre suicídio não cresce de maneira regular, pelo contrário. Isso resulta em elementos que são supostamente simples, pois, determinados grupos tendem a ser mais propícios ao suicídio que outros. Sendo assim, poderia ser provável que algumas diferenças entre fatos e grupos étnicos pudessem influenciar para tal ato.

Riven afirma que também já teve pensamentos suicidas, mas nunca tentou de fato se matar. Entretanto, disse que, “o lado feminino da família” sempre o apoiou e acolheu, um dos motivos que fizeram com que ele resistisse. Resistir com as condições que se tem, é um dos mecanismos de defesa da população LGBTQIA+, pensar em possibilidades de não existir pode ser constante, porém, alguns conseguem se sentir firmes quando se tem uma rede de apoio, ajuda psicológica ou até mesmo espiritual.

A concepção de que cada situação é única é aceitável pois, a população não tem as mesmas vivências e, ainda assim, os sentimentos são em distintas intensidades. É notável que entre os grupos de uma mesma raça/etnia pode haver desentendimentos ou afastamentos mais fortes e isso pode intensificar para um suposto adoecimento emocional. Destarte, é corriqueiro se deparar com comentários de pessoas no senso comum que envolvem julgamentos de que somente se mata de verdade quem realmente quer morrer. As causas de morte por suicídio são singulares e ainda assim de difícil percepção (DURKHEIM, 2000).

Foi levantado um questionamento sobre como esses pensamentos impactaram na saúde mental dos(as) participantes da pesquisa, logo Flora respondeu:

Ah, eu falei logo pra minha mãe. Falei pra ela poder me ajudar, né? Eu era muito nervosa! Quando eu fumava maconha, me acalmava mais, era meu ansiolítico. Até eu começar a ir na psicóloga, foi aí que melhorei muito

mais, me identifiquei muito com a psicanálise e com minha analista (Flora, 2022).

Destarte, Flora menciona que a ajuda profissional foi de muita valia, dando o suporte emocional que ela precisava de maneira coesa, quando se sentiu acolhida e compreendida. Foi nesse momento que ela se percebeu por meio de terapia, como mulher trans. A participante da pesquisa menciona o fato de ter desenvolvido uma boa relação com a psicanálise e os métodos de escuta da analista.

A escuta pode ter muitas variáveis e tende a ser uma ferramenta ímpar para investigar a subjetividade humana. Ou seja, é uma escuta ativa, onde o paciente pode se auto examinar, durante a própria fala, se inquietar com sua singularidade e, com isso, gerar uma implicância ao pensar no que deve decidir no momento atual, aspectos que não consegue lidar desde o passado.

Na psicologia, a escuta na abordagem psicanalítica investiga os aspectos singulares de cada um, em toda sua totalidade, ou seja, aquilo que é determinado como singular pertence apenas ao sujeito, pois é uma característica única que foi sendo construída e continua a se construir (BEATRI, 2009).

Para Lacan (1979), nem sempre se é compreensivo e a escuta deve ser exercida a partir de duas qualidades: a curiosidade e a ignorância douta. A posição do analista ao escutar o paciente é de um sábio não saber.

A psicologia sempre teve como objetivo e entendimento o ato de falar, e na psicanálise existe a escuta qualificada, pois é por meio dessa escuta que o sujeito se revela a si mesmo. Sendo assim, ele se recria e constrói percepções sobre as relações que compõem a vida. Ou seja, há uma reconstrução de maneira ressignificada que gera novas potencialidades para novas vivências. Destarte, nos aspectos referentes a saúde mental, deve-se fazer um relato analítico de si mesmo, de modo coerente. O (a) analista precisa desenvolver o manejo de se perder e mergulhar dentro do mundo de seu paciente, mas no sentido de desligar-se de si e reter sua atenção e percepção para perceber de onde veio, onde se está inserido (a), qual sua origem, como vem sobrevivendo e se mantendo resistente (BUTLER, 2015).

Stella relata e chama atenção sobre os fenômenos que ela vivenciou em várias experiências acerca dessa problemática:

Bom, procurei ajuda, comecei a fazer terapia, rede de apoio com amigos e a religião ajudou bastante, sem ser a religião cristã. Nessa época, comecei a visitar um terreiro. A entidade falou assim: “ah, você não precisa se sentir um bicho, um animal, você não precisa se sentir um [...] Eu me sentia um ET, me

achava anormal. Então, quando ela falou isso pra mim em me senti assim, sabe? Muito melhor (Stella, 2022).

Nesse sentido, além do suporte emocional que Stella teve ao procurar ajuda por meio da psicoterapia, ela contou com a ajuda espiritual, onde se identificou e sentiu-se acolhida. Quando pessoas ligadas a fé se sentem acolhidas de alguma maneira com a ajuda espiritual, supostamente isso pode cooperar para uma melhoria no processo terapêutico.

De acordo com Miranda (2020), o corpo-território se caracteriza por uma constante metamorfose, construindo-se em rachaduras e fluxos que por diversas vezes podem vir a precisar de novas representações subjetivas. O autor menciona também que durante essa construção o “corpo- esponja”⁴ tende a se fortalecer através de outras descobertas, pois, muitas pessoas tendem a agir como esponja e a absorver supostas injeções de ânimo alheias, podendo intensificar a desterritorialização da capacidade conclusiva.

Sky menciona que, por ser ansioso, às vezes não dorme direito e essa condição tem resultado em interferências nas suas vivências atuais. Para Brendo, agora está tudo mais tranquilo, apesar de ser também muito ansioso, mas seus pensamentos ruins ainda persistem:

Muitos pensamentos ruins. Após a primeira tentativa de suicídio, logo após iniciar a transição tive outras, só quando parei o uso de drogas que melhorei. Hoje, vivo uma vida mais calma, porém sou muito ansioso e hoje tenho diagnóstico de depressão. Após a transição muitas coisas mudaram (Brendo, 2022).

Para Aisha, os supostos pensamentos ruins que têm frequentemente ainda afetam seu emocional, chegando a sentir um desânimo constante. Como mencionado anteriormente no texto, alguns sujeitos não conseguem identificar os sintomas e fatores de risco de um suposto adoecimento logo de início, isso também contribui para que essas pessoas demorem a pedir ajuda, ou até mesmo se negam a procurar.

Para Riven, os pensamentos negativos que possui causam momentos de fragilização e “*me desestabilização cotidianamente*”, nunca fiz terapia, mas, essa “*fragilidade emocional acaba me atrapalhando muitas vezes*”.

Quando se analisa as políticas nacionais de saúde para população LGBTTTQIA+, percebe-se que dentro das especialidades existe uma falta de manejo para orientar essas políticas. A inclusão de manejos em prol da orientação sexual, identidade de gênero,

⁴ Miranda (2020) atribui a expressão “corpo-esponja” aquele que se fortalece, se fortifica, sobretudo, após outras descobertas. Trata-se de como a construção da perspectiva de corpo-território é percebida. Ao acessar outros achados, pode-se intensificar as de territorializações das capacidades individuais.

marcadores étnico-raciais e as vivências sociais ou ciclos de vida são fundamentais para a identidade de cada um. Porém, falta a prática e efetivação de maneira coesa durante a atuação. Existe o plano, mas falta executar a partir de cursos de humanização voltado para saúde LGBTTQIA+. Por esses e outros motivos, o público LGBTTQIA+ tende a se sentir desconfortável na hora de procurar ajuda (ALBUQUERQUE, 2013).

Com referência ao sentimento de inferioridade e exclusão devido a sexualidade e fatores associados a cor por questões relacionadas a raça e a ligação com grupos de pertencimento étnico, Brendo enfatiza que sente menosprezado e associa também às questões socioeconômicas. *“Já senti inferior sim! Ainda mais por não ter dinheiro. Quando eu era trans sempre aparecia alguém pra pagar algo e tal, mas ainda assim eu não tinha dinheiro”* (Brendo, 2022).

Nabu relata experiências de quando era mais jovem: *sSenti inferior, quando eu era mais novo, as mães de outras crianças não deixavam os seus filhos brincarem comigo, porque já me identificavam como gay, além de ser preto”* (Nabu, 2022).

Embora, de acordo com a lei 7.716 (BRASIL, 1989) o racismo é crime no Brasil, conforme artigo 1º: “Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional”. Ainda é possível haver situações racistas sem punição aos seus autores.

Recentemente, o Supremo Tribunal Federal (STF, 2019) associou os crimes de racismo a homofobia e transfobia, garantindo que “ninguém pode ser privado de direitos nem sofrer quaisquer restrições de ordem jurídica por motivo de sua orientação sexual ou em razão de sua identidade de gênero” A justificativa do Supremo Tribunal Federal é a de que:

O racismo não se resume a aspectos estritamente fenotípicos, constitui manifestação de poder que, ao buscar justificação na desigualdade, objetiva viabilizar a dominação do grupo majoritário sobre integrantes de grupos vulneráveis (como a comunidade LGBTI+), fazendo instaurar, mediante odiosa (e inaceitável) inferiorização, situação de injusta exclusão de ordem política e de natureza jurídico-social (STF, 2019).

Entretanto, embora essa compreensão já esteja incorporada nas políticas públicas e constam no marco legal, ainda são insuficientes porque culturalmente ainda não se tem uma população com consciência de deveres e direitos suficientes para evitar práticas discriminatórias e até criminosas. Sendo assim, há a necessidade constante de luta para a implementação dessa lei da maneira correta.

O conceito de racismo, compreendido em sua dimensão social, projeta-se para além de aspectos estritamente biológicos ou fenotípicos, pois resulta, enquanto manifestação de poder, de uma construção de índole histórico-cultural motivada pelo objetivo de justificar a desigualdade e destinada ao controle ideológico, à dominação política. Quando esses sujeitos são integrantes do grupo vulnerável (LGBTQIA+) e por não pertencerem ao estamento que detém posição de hegemonia em uma dada estrutura social, são considerados estranhos e diferentes, degradados à condição de marginais do ordenamento jurídico, expostos, em consequência de odiosa inferiorização e de perversa estigmatização (STF, 2019).

Destarte, em conformidade com o entendimento do Supremo Tribunal Federal, as pessoas pertencentes à população LGBTQIA+ necessitam de garantias para a posse da cidadania plena e do integral respeito tanto às suas condições quanto às suas orientações pessoais, “nestes tempos em que as liberdades fundamentais das pessoas sofrem ataques por parte de mentes sombrias e retrógradas, a diferença essencial entre civilização e barbárie” (STF, 2019).

Ademais, é necessário um olhar direcionado para as causas sociais e comprometimento das pessoas para assegurar o direito de todas as pessoas de serem respeitadas e viverem em dignidade, em um mundo sem racismo, homofobia e transfobia.

Entretanto, apesar das normas, as práticas discriminatórias continuam a existir em maior ou menor proporção. Layla menciona o fato de haver um afastamento forçado de uma amizade, pois a mãe de sua colega não aceitava o coleguismo entre as duas, devido suspeitar que a amiga da filha fosse lésbica: *“Uma mãe tirou a filha da escola porque ela andava comigo, e eu já tinha trejeitos. E eu lembro perfeitamente porque isso foi no terceiro ano do ensino médio”* (Layla, 2022).

Em conformidade com Modesto (2010), durante a fase de suspeita dos pais sobre a sexualidade de seus filhos ou filhas, o principal medo deles é a não aprovação da mãe. Esses indivíduos temem a não aceitação por sentirem que suas mães têm papéis como destinadoras, ou seja sentem a necessidade de se sentirem acolhidos por suas mães. A genitora sente um medo extremo devido a tomada de consciência, ao supor que a filha amada, pode ser homossexual, causando uma suposta negação e afastamento afetivo.

Conforme Sky, por mais que ele se sentisse excluído ou inferiorizado devido ser preto e gay, ele procurava se fazer presente: *“Já me senti inferior sim, mas eu sempre procurei me incluir, mesmo que fosse forçadamente, não dava o braço a torcer”* (Sky, 2022).

Em conformidade com Souza (1983, p. 22), “a identidade negra existe como um apêndice do desejo e da palavra do sujeito branco”. Destarte, há um suposto apagamento da

identidade negra, quando o branco se acha no direito de impor determinado comportamento colonizados e cristalizados. Nesse sentido, quando Sky menciona o fato de se fazer incluso, pode soar também como forma de protesto, por entender que ele tem o direito de estar onde quiser.

Riven também afirma ter sofrido inúmeras vezes situações de exclusão e de inferioridade. Durante a construção desse percurso do autoconhecimento e autoaceitação, supostamente algumas frustrações podem ocorrer. Foi mencionado sobre essa possibilidade e como os participantes da pesquisa têm lidado com as frustrações frente a identidade. Logo, Brendo respondeu que tem algumas dificuldades em relação aos padrões impostos e relata: *“Hoje sou mais fechado, prefiro ficar dentro de casa, já nas ruas, às vezes, precisamos seguir alguns padrões e isso me frustra muito, pois eu sei que não me enquadro e logo não tenho paciência”* (Brendo, 2022).

Brendo afirma não se sentir bem e com falta de paciência para os padrões e normas heteronormativas impostas pelo âmbito social. Logo, relata que é uma pessoa mais caseira justamente para evitar tipos de mal-estar ao sair e encontrar pessoas.

Para Albuquerque (2013), existem dois obstáculos que são considerados mais fortes no comportamento social, são a heteronormatividade institucional e a homofobia, pois partem do pressuposto de uma construção social que é imposta. Sendo assim, de certa maneira na área da saúde pública, por exemplo, há diversas dificuldades de enfrentamento para lidar com questões referentes a sexualidade. Esses comportamentos de teor preconceituosos determina um tipo de padronização de corpos que é cultuado e reproduzido na atualidade (ALBUQUERQUE, 2013).

Riven menciona o fato de tentar não se abater, *“tenho tentado anular esses pontos negativos, para que não interfiram nas minhas vivências acadêmicas, profissionais e pessoais”* (RIVEN, 2022). Na atualidade, Aisha e Flora relatam que não tem sintomas de ideação suicida, porém, é perceptível que elas não conseguem identificar a suposta ideação, mesmo de maneira inconsciente. Quando Flora passava pelo processo de transição, a ideação suicida era muito mais latente, é perceptível quando relata sofrer *bullying* no curso de direito, porém, com o passar do tempo, ela apresenta sintomas mais leves. De maneira similar, Nabu afirma que se esforça para estar bem sempre, mas fica entristecido e revoltado com os posicionamentos de algumas pessoas.

Estou tentando sempre estar bem comigo mesmo tentando não me afetar, o que me deixa triste é o pensamento arcaico da sociedade, fico revoltado,

velho! É inaceitável a gente ter que conviver com alguns comentários e posicionamentos de gente ruim e ignorante (Nabu, 2022).

Na maioria das vezes, antes da pessoa se aceitar e lidar bem com a sua sexualidade algumas crises emocionais e de identidade se desencadeiam e junto com essas crises emocionais e sentimentos de angústia resultam em supostas paixões negativas somatizadas. Essa auto incompreensão parte de um ponto de vista de pessoas e grupos que já se encontra cristalizado na sociedade, onde se tem como estigma que as práticas homoafetivas são visadas com teor promíscuo, pois é uma vivência distinta daquela que é imposta pelo âmbito social (MODESTO, 2010).

4.5 - Avaliação: auto-conhecimento e construção da persona

Sobre a experiência vivida pelos participantes da pesquisa, foi solicitado aos integrantes que fizessem uma avaliação geral dos diálogos realizados nos encontros e nos grupos focais. Nabu mencionou o fato de ter contribuído com esta investigação. *“Achei importantíssimo! Porque existe um recorte dentro da própria comunidade, que a gente precisa estar falando sobre essas questões”* (Nabu, 2022). Flora complementou como a afirmação de ter gostado das discussões, pois levantou-se pautas importantes: *“Eu gostei! São realidades distintas, né? Racismo é estrutural, se eu for gordo, preto, magro, gay [...] por ali vai, as chances de ser excluído é bem maior”* (Flora, 2022). Sky relatou ter somado e afirma ter gerado reflexões, *“agregou muito, me inquietou e me conheci mais um pouco, somou bastante”* (Sky, 2022).

Brendo acredita que as discussões vão agregar muito e até mencionou ter se sentido surpreso com algumas inquietações, *“Rapaz [...]. Gostei, me surpreendi com as perguntas, estava ansioso, confesso! Mas, Vitor também conduziu muito bem e de maneira dinâmica, leve e acredito que vá agregar bastante, me inquietou”* (Brendo, 2022).

Stella afirmou ter sido de relevância, *“gostei muito, espero ter contribuído, porque foi muito bom também”* (Stella, 2022). Layla também respondeu que foi importante, *“achei válido, gostei também”*. Conforme Flick (2009), o moderador deve garantir a participação de todas as pessoas envolvidas, além de evitar favorecimentos a determinados participantes e não expressar opinião pessoal para não influenciar o grupo, deixando os participantes da pesquisa à vontade para dialogarem quando e como quiserem.

Os encontros foram conduzidos de maneira leve e nada forçado. As questões foram elaboradas e levantadas previamente com planejamento, de maneira que as pessoas

participantes pudessem se sentirem livres para responder ou não, de maneira objetiva ou argumentativa, tendo liberdade de fala, escuta e, principalmente, de expressão.

Em conformidade com Miranda (2020), o corpo-território tem sido educado para o silêncio e quando encontra a possibilidades de se expressar de várias formas, muitas vezes não sabe se posicionar e recorre imediatamente ao campo das palavras.

Durante os encontros, no início das discussões das questões norteadoras, alguns participantes da pesquisa tinham receio parecido com o meu, quando perpasssei pelo período de autoconhecimento e autoaceitação. Parafraseando Miranda (2020), identifiquei um sentimento de medo de “despencar e rachar o corpo-território”.

Por mais que todos(as) ali tivessem convicção de sua orientação sexual e de gênero, falar de como tudo aconteceu desde o início até a atualidade e, sobretudo, socializar sentimentos que doem e remetem a lembranças difíceis que compõem em momentos delicados e até emocionantes. Foi desafiador conduzir a discussão e, ao mesmo tempo, satisfatório, pois perceber e acolher os participantes da pesquisa em sua totalidade e sem julgamentos são atributos de um pesquisador e assim aconteceu.

Durante algumas discussões, determinados participantes da pesquisa mencionaram não ter sofrido algum tipo de opressão ou preconceito, nem racismo e homofobia por integrarem a população, LGBTTTQIA+. Logo, há uma castração encoberta ou uma não conscientização por não identificar tais atos que, inclusive, podem ter intensificado para ideações suicidas.

Vale ressaltar que nem todas as pessoas se sentiram suficientemente à vontade para dialogar ou responder todas as perguntas, por isso foi utilizado também um questionário também, ficando livre para responderem quantas e quais perguntas quisessem.

As respostas do questionário foram agrupadas e selecionadas as que mais se aproximaram do objeto de estudo e da problemática apresentada. A escolha aconteceu de maneira em que houvesse uma real identificação com a proposta da pesquisa, não deixando de respeitar tudo que foi dialogado para não perder a identidade dos participantes da pesquisa.

Flick (2009) menciona que a técnica utilizada em pesquisa, denominada grupo focal passou por um suposto renascimento, quando esses grupos foram reformulados e repensados para melhor utilização nas pesquisas científicas das ciências humanas e sociais.

A discussão com o grupo foi finalizada com agradecimentos, frente a imensa e tamanha colaboração, experiências trocadas e momentos únicos. As vivências e histórias de cada pessoa contribuiu de maneira significativa para a pesquisa, que pode reverberar em aprendizados para a vida pessoal de cada um e, sobretudo, do pesquisador, também profissional da Psicologia.

Destarte, pesquisar é um processo árduo que determina métodos bem planejados e demanda por dedicação constante, considerando a responsabilidade em expor as contribuições de pessoas que sofrem, mas apesar disso, se predispõem a falar de suas idiossincrasias, ou seja, as predisposições particulares que têm e os fazem reagir de maneira pessoal frente à influência de agentes externos. Logo, não é um exercício simples, determina uma escuta sensível, um olhar criterioso e, ao mesmo tempo formal, atrelado a um ponto de vista reflexivo, mas sem julgamentos.

No último encontro fez-se uma avaliação das contribuições e limitações do grupo no diálogo realizado no grupo focal sobre a ideação suicida entre as (os) participantes da pesquisa. Ademais, também se observou como eles(as) vivenciam as distintas percepções e atitudes acerca das fatalidades ocorridas em casos de ideação suicida com consumação do ato de qualquer fatalidade. A essência deste grupo focal consistiu na interação entre os participantes e o autor da pesquisa.

Após encerrar a discussão, com a autorização dos participantes foram tiradas algumas fotos em ambos os encontros para o arquivo pessoal do pesquisador, sendo guardadas com os cuidados devidos conforme a prerrogativa da ética em pesquisa em resguardar a privacidade dos participantes da investigação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Investigar sobre o adoecer emocional causa diversos gatilhos, faz pensar o quanto as pessoas são vulneráveis, apenas por não corresponder aquilo que é estipulado socialmente e idealizado dentro de um protótipo, que pode vir a causar um impacto psíquico, onde muitos não conseguem encontrar estratégias de enfrentamento.

A ideação suicida na população LGBTTTQIA+, frente aos marcadores étnico-raciais, é uma temática recente. Nessa perspectiva, discorrer acerca do adoecimento psíquico gerado pelos marcadores étnicos, raciais e sexuais, que podem levar a ideação suicida é um desafio. Sobretudo, porque nos espaços sociais há silenciamentos e não se trata da temática como pauta imprescindível para a implementação de políticas públicas. As pessoas, os profissionais e até as instituições ainda tratam de assuntos relacionados a esse com indiferença e teor de desprezo, daí a necessidade de levantar essas discussões e ocupar lugares de luta por reconhecimento, equidade e direitos.

Dessa maneira, esse estudo teve como propósito analisar as angústias vividas por pessoas da população LGBTTTQIA+, identificando como os marcadores étnico-raciais, sexuais e de gênero podem intensificar ou não no supracitado adoecimento psíquico, podendo levar à ideação suicida. Esta investigação científica teve a intenção de responder de que maneira os marcadores de gênero e étnico-raciais podem influenciar no adoecimento psíquico, podendo chegar à ideação suicida entre os/as LGBTTTQIA+.

Destarte, é preciso problematizar diálogos onde se analise como esses marcadores supracitados podem intensificar ou não para a ideação suicida entre LGBTTTQIA+. Os fatores referentes aos marcadores étnico-raciais podem se fazer presentes nessas discussões, onde percebe-se o quanto influenciam quando o sujeito apresenta fatores e características correspondentes a questões de raça, gênero e sexualidade consideradas como minoria. Sendo assim, por meio de uma revisão bibliográfica e um estudo empírico com coleta de dados apresentados no corpo do texto, constata-se que de diversas maneiras essa influência se apresenta cotidianamente na vida do (a) sujeito LGBTTTQIA+, principalmente os marcadores de gênero, sexualidade, raça/etnia associados a fatores familiares, sociais e econômicos.

Tais marcadores se fazem presentes em diversos espaços ocupados por esses sujeitos, seja no âmbito familiar, social, laborativo ou acadêmico. Trazendo para uma vertente psicológica, as dimensões de possível adoecimento e seus aspectos determinantes devido à sobrecarga psicológica que a pessoa sofre podem influenciar a cometer o ato suicida, devido à pressão estigmatizada da sociedade e por efeito da repressão no âmbito familiar trabalhados.

Apesar de alguns avanços e conquistas, o preconceito contra a população LGBTTTQIA+ ainda é muito frequente. Entretanto, ela vem conquistando seu espaço com mais organização política e de certa maneira isso repercute nas estruturas da sociedade. Quando se analisa o reconhecimento no âmbito legislativo, por exemplo a possibilidade das uniões homoafetivas, a lei do racismo abrangendo a homofobia e transfobia, constata-se um processo de evolução do marco legal por equidade. Mas, apesar de alguns progressos ainda predominam dificuldades para conviver em harmonia em uma sociedade que ainda julga a maneira do outro viver.

Sendo assim, para responder aos propósitos dos objetivos específicos que foi identificar como a cisheteronormatividade atuar no adoecimento psíquico de pessoas LGBTTTQIA+ constata-se que por ela fugir daquilo que é padrão no âmbito social tende a influenciar nos comportamentos da população LGBTTTQIA+. Ao analisar os mecanismos de resistência das pessoas LGBTTTQIA+ constatou-se que são construídos durante as vivências das pessoas LGBTTTQIA+, para conseguirem lidar frente à ideação suicida e até mesmo da própria repressão dos lugares onde habitam.

Algumas pessoas encontram apoio em algumas pessoas da família, ajuda espiritual e, acompanhamento profissional, como expuseram nos grupos focais. Outras pessoas lidam da maneira que podem, sem se cobrar tanto por isso, como foi discutido durante as análises. Além de identificar como os marcadores étnico-raciais, sexuais e de gênero perpetuam para que haja sintomas latentes da suposta ideação suicida.

Na discussão sobre as maneiras que os marcadores étnico-raciais agem para intensificar a ideação suicida é possível afirmar que contribuem no sentido de intensificar o adoecimento psíquico, sobretudo quando associados aos marcadores de gênero na população LGBTTTQIA+.

A saúde da população LGBTTTQIA+ demanda não somente um olhar mais direcionado às causas psíquicas e emocionais, mas cuidados com a saúde mental, quando se observa a intensificação do suposto adoecimento psíquico discutido nessa investigação, quando os marcadores presentes influenciam e podem levar ideação suicida.

Destarte, os achados apontam que os marcadores étnico-raciais e de gênero e sexualidade intensificam a ideação suicida entre os(as) LGBTTTQIA+. Foi identificado e perceptível que há fatores referentes aos marcadores supracitados colaboram para tal adoecimento, como a cor da pele, identidade étnica, condição social, orientação sexual e/ou gênero, lugares onde esses sujeitos estão inseridos, seja no âmbito acadêmico, escolar, de trabalho e, sobretudo, no ambiente familiar.

O adoecimento psíquico na população LGBTTQIA+ e a influência dos marcadores étnico-raciais, de gênero e sexualidade demanda atenção especial, direcionada ao fator problema da pessoa que, por muitas vezes, vive uma angústia cristalizada, devido às dificuldades de apoio, diálogos e respeito.

Para tanto, há de desconstruir discursos depreciativos e centrar no respeito, empatia e equidade. Em uma sociedade demarcada por evoluções científicas, ainda persistem inúmeros limitações sociais e políticas e até retrocessos que corroboram com a causa de adoecimentos. Tais problemas devem ser sanados com muita luta por justiça, mas também está interligada à escuta e apoio aos dilemas da pessoa na construção de sua identidade.

Em uma sociedade onde julgar e apontar é mais fácil que escutar e acolher, as vivências permanecem desafiantes. Dessa maneira, as experiências discutidas e analisadas nesta investigação refletem uma atualidade que comprova a necessidade de políticas públicas eficazes voltadas para o público supracitado, a população LGBTTQIA+.

Se faz necessário falar e dar visibilidade para essas causas que são tão pouco discutidas e levadas ao poder público como pautas de muita relevância. Pois, é por meio de pesquisa, levantamento de discussões e reflexões que as chances de crescimento e evolução das relações humanas tornam-se possíveis para todos, sobretudo, para a população supracitada, atravessada por marcadores étnico-raciais, de gênero e sexuais. Tais reflexões podem contribuir para a formação de uma sociedade melhor, onde os direitos humanos de todas as pessoas sejam respeitados com equidade.

Apesar das dificuldades existentes, há mais visibilidade em discussões referentes a relações afetivas emocionais e suas maneiras de expressões, abarcando também intimidades sexuais. Sendo assim, é preciso continuar em constante luta para que mais espaços sejam ocupados para debater problemáticas afins.

Por fim, os achados dessa investigação apontam que a pessoa se constrói e desconstrói dentro daquilo que lhe é imposto, até perceber que não precisa viver em função de uma suposta e indesejada validação. Quando algo inquieta e as angústias se tornam frequentes constata-se que os apoios de membros das famílias, de profissionais especializados, de ajuda de líderes religiosos e de uma consciência pautada no autoconhecimento identitário a fatores relacionados aos pertencimentos étnico-raciais, de orientação sexual e de gênero e sexualidade são fatores que ajudam no enfrentamento das situações de angústia que reverberam em adoecimento psíquico podendo chegar a uma ideação suicida e, na pior das hipóteses, ao suicídio.

Ademais, é necessário consciência para buscar diagnósticos, ajuda e métodos para encontrar ajuda para lidar com situações que sozinho'(a) não consegue. Por último, a necessidade de pertencimentos étnico-raciais e de identidade de gênero para haver uma ressignificação e encontrar um novo significado para aquilo que não faz mais sentido. Afinal, todas as pessoas são feitas de construção e reconstrução de suas identidades.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, G. et al.; Homossexualidade e o direito à saúde: um desafio para as políticas públicas de saúde no Brasil. *Saúde debate*. v.37, n. 98. Rio de Janeiro. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/JhwFvPRq3LCSQTqkLgtHZ7f/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 10 abril 2019.
- ASSIS, S.; GOMES, R.; PIRES, T. O. Adolescência, comportamento sexual e fatores de risco à saúde. **Rev. Saúde Pública** v. 48, n.1. São Paulo, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v48n1/0034-8910-rsp-48-01-0043.pdf>. Acesso em: 27 abril 2019.
- BARTH, Frederick. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.
- BASTOS, J. O lado branco do racismo: A gênese da identidade branca e a branquitude. **Revista ABPN**, V. 8, n. 19. Jun. 2016.
- BEATRI, Alice. A escuta psicanalítica e a educação. **Psico inf**. Vol 13. São Paulo, 2009.
- BOTEGA, N. J. Comportamento suicida: epidemiologia. **Psicologia: USP**. v.25, n.3. São Paulo. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v25n3/0103-6564-pusp-25-03-0231.pdf> Acesso em: 27 fev. 2019.
- BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**. Notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- BUTLER, J. **Relatar a si mesmo**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2015.
- BRASIL. Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989. Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17716.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%207.716%2C%20DE%205%20DE%20JANEIRO%20DE%201989.&text=Define%20os%20crimes%20resultantes%20de,de%20ra%C3%A7a%20ou%20de%20cor.&text=Art.%20%C2%BA%20\(Vetado\)](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17716.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%207.716%2C%20DE%205%20DE%20JANEIRO%20DE%201989.&text=Define%20os%20crimes%20resultantes%20de,de%20ra%C3%A7a%20ou%20de%20cor.&text=Art.%20%C2%BA%20(Vetado)). Acesso em 20 mar. 2023.
- CFP. Conselho Federal de Psicologia. Transexualidade não é transtorno mental, oficializa OMS. Em defesa da Resolução CFP n.01/2018. 2019. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/transexualidade-nao-e-transtorno-mental-oficializa-oms/>. Acesso em: 23 maio 2019.
- CORRÊA, A. M. *et al.* O grupo focal na pesquisa qualitativa: princípios e fundamentos. **Revista Prisma**, v. 2, n. 1. Rio de Janeiro, 2021.
- CORNEJO, Giancarlo. A Guerra Declarada contra o menino afeminado. In: MISKOLCI, Richard. **Teoria queer**: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p. 69-78.
- CRENSHAW, Kimberle. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. University of California, Los Angeles, 2002.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 23 maio 2022.

CRENSHAW, Kimberle. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas** 1, p.171-189, 2002. Disponível: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2002000100011/8774> Acesso em: 30 dez .2022

COSTA, Joaze. Decolonialidade e Perspectiva negra. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31 n. 1 abril de2016

DURKKHEIM, Emille. **O suicídio**. Estudo de Sociologia. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FANON, Franz. **Pele negra, máscaras brancas**, São Paulo: UBU Editora, 1967.

FANON, Franz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p. 275.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução de Joice Elias Costa, Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários para a prática educativa**. 35. ed. São Paulo, 2007. P 98.

GOMES, Ana Carolina. **Penalidade e privilégio: a falsa representação dos homens negros homossexuais**. Dissertação de Mestrado em Direito Político e Econômico. Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2015.

GOMES, N. L. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? **Revista Brasileira de Educação**, n. 21, p. 40–51, set. 2002.

GONZALEZ, Lelia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências sociais Hoje**, Anpocs. 1984, p. 223-244.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na pós-modernidade**. 12ª edição. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HOOKE, Derek. **Racismo e gozo: Uma avaliação da hipótese do “racismo como (roubo de) gozo”**, 2021.

HOOKE, Bell. **Olhares Negros: Raça e Representação**. Editora Elefante. Estados unidos. 1992.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Editora Caboó, 2019.

FERRARI, A. MARTELLI, A. **Gênero e Sexualidades em tempos de resistência**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2020.

LACAN, Jacques. **O estágio espelho como formativo da função**. Londres: Editora Tavistock, 1977.

LACAN, Jacques. **O Seminário – Livro 1: Os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

MIRANDA, Eduardo. **Corpo-território & Educação Decolonial: Proposições afro-brasileiras na invenção da docência**. Salvador: EDUFBA, 2020.

MODESTO, Edite. **Homossexualidade preconceito e intolerância**. Análise semiótica de depoimentos. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2010. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-09022011-103046/en.php> Acesso em: 26 dez. 2021.

MODESTO, Edite. **Vidas em arco-íris**. Depoimentos sobre a homossexualidade. 2ª edição. Cidade: Editora Record, 2006.

MOMBAÇA, Jota. Lugar de fala e relações de poder. Radio Afro Lins. Lisboa, 2017. Disponível em: <https://soundcloud.com/r-dio-afrolis/audio-166-lugar-de-fala-e-relacoes-de-poder-com-jota-mombaca-partei> Acesso em: 02 set. 2022.

MISKOLCI, Richard. Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p. 69-78.

NASCIMENTO, G. C. M.; SCORSOLINI-COMIN, F. A Revelação da Homossexualidade na Família: Revisão Integrativa da Literatura Científica. **Trends Psychol.** v. 26, n. 3. Ribeirão Preto, 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v26n3/v26n3a14.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2022.

NAVASCONI, V. **Vida, adoecimento e suicídio: Racismo na Produção do Conhecimento Sobre Jovens Negros/as LGBTTIS**. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Universidade Estadual de Maringá, 2018. Disponível em: http://www.ppi.uem.br/arquivos-para-links/teses-e-dissertacoes/2018/PPI_2018PauloVictor.pdf/view Acesso em 26 jan. 2022.

NAVASCONI, V. **Vida, adoecimento e suicídio: racismo na produção do conhecimento sobre jovens Negros(as) LGBTTIS**. Belo Horizonte – MG: Editora Letramento, 2019.

OLEGÁRIO, Maria da Luz. **Teoria Queer**. Palestra proferida na disciplina Metodologia da Pesquisa em Ciência da Informação – PPG/UFPB, em 14 de junho de 2016. Disponível em: <https://www.deolhonaci.com.br>. Acesso em 13 fev. 2022.

OMS, Silva, A. *et al*, Saúde mental de docentes universitários em tempos de pandemia. **Physis: Revista de Saúde coletiva**. Mar. 2020.

ORAÇÕES para Bobby (Prayers for Bobby). Direção de Russell Mulcahy. Estados Unidos da América: Lifetime Television, 2009. DVD (89 min.).

PELUCIO, L. DUQUE, T. Cancelamento o cuier. Dossiê Queer caboclo. **Contemporânea**, v. 10, n. 1 p. 125-151, jan, 2020.

PEREIRA, A. S. *et al.*; Fatores de risco e proteção para tentativa de suicídio na adultez emergente. **Ciência e Saúde Coletiva**. v.25, n.11, p. 3767-3777. Rio Grande do Sul. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v23n11/1413-8123-csc-23-11-3767.pdf>. Acesso em 27 abril 2019.

PERÉZ, E. R.; Grupos e intervenções grupais: concepções, relações e implicações na perspectiva de profissionais que trabalham com grupos. PUC- São Paulo. 1997. Disponível em: <file:///C:/Users/RUIVO/Downloads/DisertacionGruposEIntervencionesEricoRenteria.pdf>. Acesso em 27 mar. 2022.

PINHO, Osmundo. Relações raciais e sexualidade. *In*: PINHO, A. Osmundo; SANSONE, L., orgs. **Raça: novas perspectivas antropológicas** [online]. 2nd ed. rev. Salvador: EDUFBA, 2008, p. 257 - 283. ISBN 978- 85-232-1225-4.

RIBEIRO, J. M.; MOREIRA, M. R. Uma abordagem sobre o suicídio de adolescentes e jovens no Brasil. **Ciênc. saúde coletiva**. v.23, n.9, p.2821-2834. Rio de Janeiro. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v23n9/1413-8123-csc-23-09-2821.pdf>. Acesso em: 27 abril 2019.

RIOS, R. R. Para um direito democrático da sexualidade. **Horizontes Antropológicos**. v.12, n. 26, p.71-100. Porto Alegre. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v12n26/a04v1226.pdf>. Acesso em: 14 maio 2021.

SCHUCMAN, L. **Sim, nós somos racistas**: Estudo psicossocial da branquitude paulistana. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014.

SCHUCMAN, L. Branquitude e poder: revistando o “Medo branco” no século XXI. **Revista da ABPN – V. 6 n. 13 – março de 2014**.

SENA, O. **Negôterapia edição 2020**. Rio de Janeiro. 20 de julho 2020. Acesso em 12 fev. 2022.

SOUZA, N. **Tornar-se Negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Coleção tendências; v. 4. Rio de Janeiro, 1983.

STORINO, B. D. *et al.*; Atitudes de profissionais da saúde em relação ao comportamento suicida. **Caderno de saúde coletiva**. v. 26, n. 4, p. 369-377. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cadsc/v26n4/1414-462X-cadsc-26-4-369.pdf>. Acesso em: 27 abril 2021.

STF. Ação Direta de Inconstitucionalidade 26. Disponível em: <https://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=TP&docID=754019240> Acesso em 10 março 2023.

TEIXEIRA-FILHO, F. S.; MARRETO, C. A. Homossexualidades, homofobia e tentativas de suicídio em adolescentes LGBTI. [Resumo Expandido] Fazendo Gênero. Florianópolis. 2018. Disponível em: <https://docplayer.com.br/38874252-Homossexualidades-homofobia-e-tentativas-de-suicidio-em-adolescentes-lgbt1.html>. Acesso em: 25 fev. 2022.

APÊNDICE A - INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS - ROTEIRO DO GRUPO FOCAL

Primeiro Encontro

No 1º Encontro será, primeiramente, apresentada e discutida a proposta da pesquisa, lido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e aqueles e aquelas que aceitarem participar do trabalho, assinarão o termo, juntamente com o pesquisador. Em seguida será entregue um questionário com informações gerais sobre o perfil de cada participante e solicitado que todas(os) respondam.

Ainda neste encontro será aplicada uma dinâmica de Grupo (em prol da integração dos membros, estabelecendo um nível de intimidade e confiança), dinâmica das qualidades (como se fosse um amigo oculto), onde cada participante dará uma qualidade para o outro, ao invés do presente físico, estabelecendo um vínculo de afetividade entre os(as) colaboradores(as).

Logo após, discutiremos algumas questões:

- 1 - Em questão de estrutura física, como é o lugar que vocês moram atualmente?
- 2 - Como definiriam suas vivências no âmbito familiar?
- 3 - Como é o cotidiano de vocês nos ambientes de trabalho ou acadêmico? Como vocês lidam com a ocupação profissional e/ou acadêmica?

Segundo encontro

No 2º Encontro realizarei uma análise psicológica por meio de discussões acerca do autoconhecimento, analisando como chegaram ao período de autoaceitação, ou não, em relação ao gênero e sexualidade dissidentes e à sua identidade étnico-racial.

Neste encontro, as questões norteadoras serão:

- 4 - Ao longo das suas existências, como tem sido suas vivências afetivos-sexuais, como LGBTTQIA+?
- 5 - Comente como vocês lidam com a questão da autoaceitação?
- 6 - Na opinião de vocês, o que interfere na autoaceitação?
- 7 - Para vocês, como o marcador étnico-racial interfere nas suas vivências de gênero e de sexualidade?

Terceiro encontro

No terceiro encontro será discutido como praticar o autocuidado no cotidiano, frente às situações de riscos. Logo após, haverá uma discussão acerca do que foi trabalhado durante os encontros anteriores até o momento atual.

Trabalharemos com as seguintes questões norteadoras:

8. Em algum momento de sua existência, já pensou em sumir, não ter nascido ou morrer, frente alguma situação difícil?
9. Comente sobre como esses pensamentos impactaram na sua saúde mental?
10. Já se sentiu inferiorizado/excluído devido sua sexualidade, cor ou etnia?
11. Como tem lidado com as frustrações frente a sua identidade?
12. Qual a avaliação geral vocês fazem deste grupo focal?

**APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO SOBRE O PERFIL DAS PESSOAS
ENTREVISTADAS (APLICAÇÃO NO PRIMEIRO ENCONTRO)**

- 1 – Qual é o seu nome completo? _____
- 2 - Qual é o seu grau de Escolaridade? _____
- 3 - Qual a sua idade? _____
- 4 – Como você se reconhece em relação à sua identidade de gênero? _____
- 5 – Como você se reconhece em relação à sua Orientação Sexual? _____
- 6 - Como você se autodeclara? Pardo (), Preto (), Branco (), Amarelo (),
Outro _____
- 7 - Já fez algum tipo de acompanhamento psicológico/terapia? _____

APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Comente como você lida com o quesito, autoaceitação?
2. Ao longo do tempo de sua existência como tem sido suas vivências afetivos-sexuais, como LGBTTQIA+?
3. Como você definiria suas vivências no âmbito familiar?
4. Como você lida, frente seu âmbito de trabalho ou acadêmico?
5. Em questão de estrutura física, como é o lugar que você mora atualmente?
6. Em que posição socioeconômica você se identifica? Baixa () Média () Alta ()
7. Em algum momento de sua existência, já pensou em sumir, não ter nascido ou morrer, frente alguma situação difícil?
8. Comente sobre como esses pensamentos impactaram na sua saúde mental?
9. Já se sentiu inferiorizado/excluído devido sua sexualidade, cor ou etnia?
10. Como tem lidado com as frustrações frente a sua identidade?

APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Conforme Resoluções nº 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde – CNS

CARO(A) SENHOR(A),

Este documento é um CONVITE ao(à) Senhor(a) (ou à pessoa pela qual o(a) Sr.(a) é responsável) para participar da pesquisa abaixo descrita. Por favor, leia atentamente todas as informações abaixo e, se você estiver de acordo, rubriche as primeiras páginas e assine a última, na linha “Assinatura do participante”.

1. QUEM SÃO AS PESSOAS RESPONSÁVEIS POR ESTA PESQUISA?

1.1. PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Vitor Silva Santos

1.2. ORIENTADOR/ORIENTANDO: Profª. Dra. Cláudia de Faria Barbosa

2. QUAL O NOME DESTA PESQUISA, POR QUE E PARA QUE ELA ESTÁ SENDO FEITA?

<p>2.1. TÍTULO DA PESQUISA</p> <p>“É só pra chamar atenção”! Estudo acerca do adoecimento psíquico/ideação suicida nos LGBTQIA+ frente aos marcadores étnico-raciais</p>
<p>2.2. POR QUE ESTAMOS FAZENDO ESTA PESQUISA (Justificativa):</p> <p><i>A justificativa deste trabalho gira em torno das minhas vivências, por ser pertencente à comunidade LGBTQIA+, por vivenciar o estágio na Clínica Escola de Psicologia da FTC onde tive pacientes que tentavam suicídio, pela atuação profissional no NASF-AB, no município de Ibirataia e presenciar alguns relatos de tentativas na unidade básica, e por conhecer amigos com ideação suicida. Quanto à relevância social, este trabalho pretende dar uma visibilidade maior em relação ao suicídio de pessoas da comunidade LGBTQIA+, quando se pensa numa proposta para alcançar as políticas públicas. O índice de suicídios vem aumentando, inclusive, tiveram dois óbitos de LGBTQIA+ por suicídio, em duas cidades circunvizinhas de Jequié, BA no ano de 2020. Inclusive, quando se analisam os marcadores étnicos, pode-se perceber que essa vulnerabilidade se torna ainda mais agravante. Para além disso, ainda são poucas as pesquisas que se debruçam em estudar mais profundamente sobre a ideação suicida entre as/os LGBTQIA+, especialmente, levando em consideração as questões étnico-raciais.</i></p>
<p>2.3. PARA QUE ESTAMOS FAZENDO ESTA PESQUISA (Objetivos):</p> <p><i>Esta pesquisa está sendo desenvolvida com o principal intuito de analisar as ideias suicidas entre as/os LGBTQIA+, identificando como os marcadores étnico-raciais podem influenciar para o supracitado adoecimento psíquico.</i></p> <p><i>Além disso, este trabalho pretende também analisar os mecanismos de resistência das/os LGBTQIA+ frente à ideação suicida e identificar os elementos que atuam no adoecimento psíquico e podem causar a ideação suicida nas/os LGBTQIA+.</i></p>

Seja consistente: ao imprimir este documento, se necessário, use a frente e o verso do papel. :)

Página 1

3. O QUE VOCÊ (OU O INDIVÍDUO SOB SUA RESPONSABILIDADE) TERÁ QUE FAZER? ONDE E QUANDO ISSO ACONTECERÁ? QUANTO TEMPO LEVARÁ? (Procedimentos Metodológicos)

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) - UESB/Jequié
(73) 3528-9727 | cepjq@uesb.edu.br

Rubricas:

<p>3.1 O QUE SERÁ FEITO:</p> <p><i>Você participará de alguns encontros (grupo focal) que serão gravados por áudio e durante as sessões, elaborarei um diário de campo registrando os diálogos e intervenções psicológicas com intuito de entender o processo de ideação suicida entre as/os LGBTQIA+. No primeiro encontro você também responderá um questionário sobre o seu perfil geral. Além disso, ao longo dos encontros, você responderá algumas questões norteadoras em grupo.</i></p>
<p>3.2 ONDE E QUANDO FAREMOS ISSO:</p> <p><i>Os encontros ocorrerão a cada quinze dias durante, aproximadamente, dois meses, em local estipulado em comum acordo com os/as participantes.</i></p>
<p>3.3 QUANTO TEMPO DURARÁ CADA SESSÃO:</p> <p><i>Cada sessão durará, em média, duas horas.</i></p>

4. HÁ ALGUM RISCO EM PARTICIPAR DESSA PESQUISA?

Segundo as normas que tratam da ética em pesquisa com seres humanos no Brasil, sempre há riscos em participar de pesquisas científicas. No caso desta pesquisa, classificamos o risco como sendo

MÍNIMO MODERADO ALTO

4.1 NA VERDADE, O QUE PODE ACONTECER É: (detalhamento dos riscos)

Por ser uma temática delicada, algum/alguma participante poderá se sentir fragilizado/a, constrangido/a ou sensível durante os encontros.

4.2 MAS PARA EVITAR QUE ISSO ACONTEÇA, FAREMOS O SEGUINTE: (meios de evitar/minimizar os riscos):

Para isso, dispõe-se de manejos terapêuticos (diálogos possíveis, acolhimento individual, momentos de escuta) a fim de dar suporte ao que for necessário. Caso seja preciso um acompanhamento mais intensivo, eles(as) serão encaminhados(as) para redes de atendimentos psicológicos gratuitos. Para necessidades como esta, será assegurada a garantia do sigilo ético.

5. O QUE É QUE ESTA PESQUISA TRARÁ DE BOM? (Benefícios da pesquisa)

<p>5.1 BENEFÍCIOS DIRETOS (aos participantes da pesquisa):</p> <p>Os benefícios diretos que podem ocorrer durante os encontros são: autoconhecimento, fortalecimento da autonomia e aceitação. Espera-se que os(as) participantes possam se conhecer melhor no decorrer dos encontros, podendo montar estratégias de como resistir ao supracitado adoecimento psíquico.</p>
<p>5.2 BENEFÍCIOS INDIRETOS (à comunidade, sociedade, academia, ciência...):</p> <p>Como benefícios indiretos, os sujeitos terão, nesse espaço, momentos para discutir e aprender a lidar com as angústias apresentadas frente ao adoecimento. Além do mais, espero que este trabalho contribua para meu crescimento acadêmico/pesquisador e profissional. Espera-se também que a pesquisa possa ampliar os conhecimentos e as discussões sobre a ideação suicida entre a comunidade LGBTQIA+.</p>

6. MAIS ALGUMAS COISAS QUE O(A) SENHOR(A) PODE QUERER SABER (Direitos dos participantes):

<p>6.1. Recebe-se dinheiro ou é necessário pagar para participar da pesquisa?</p> <p>R: <i>Nenhum dos dois. A participação na pesquisa é voluntária.</i></p>

Rubricas:

- 6.2. Mas se acabarmos gastando dinheiro só para participar da pesquisa?**
R: O pesquisador responsável precisará lhe ressarcir estes custos.
- 6.3. E se ocorrer algum problema durante ou depois da participação?**
R: Você pode solicitar assistência imediata e integral e ainda indenização ao pesquisador e à universidade.
- 6.4. É obrigatório fazer tudo o que o pesquisador mandar? (Responder questionário, participar de entrevista, dinâmica, exame...)**
R: Não. Só se precisa participar daquilo em que se sentir confortável a fazer.
- 6.5. Dá pra desistir de participar no meio da pesquisa?**
R: Sim. Em qualquer momento. É só avisar ao pesquisador.
- 6.6. Há algum problema ou prejuízo em desistir?**
R: Nenhum.
- 6.7. Os participantes não ficam expostos publicamente?**
R: Não. A privacidade é garantida. Os dados podem ser publicados ou apresentados em eventos, mas o nome e a imagem dos voluntários são sigilosos e, portanto, só serão conhecidos pelos pesquisadores.
- 6.8. Depois de apresentados ou publicados, o que acontecerá com os dados e com os materiais coletados?**
R: Serão arquivadas por 5 anos com o pesquisador e depois destruídas.
- 6.9. Qual a “lei” que fala sobre os direitos do participante de uma pesquisa?**
R: São, principalmente, duas normas do Conselho Nacional de Saúde: a Resolução CNS 466/2012 e a 510/2016. Ambas podem ser encontradas facilmente na internet.
- 6.10. E se eu precisar tirar dúvidas ou falar com alguém sobre algo acerca da pesquisa?**
R: Entre em contato com o(a) pesquisador(a) responsável ou com o Comitê de ética. Os meios de contato estão listados no ponto 7 deste documento.

7. CONTATOS IMPORTANTES:

Pesquisador(a) Responsável: VITOR SILVA SANTOS
 Endereço: **URBIS 1, CAMINHO Q, NÚMERO 18**
 Fone: (73)991786572 // E-mail: vitorandrade.va@hotmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa da UESB (CEP/UESB)
 Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, 1º andar do Centro de Aperfeiçoamento Profissional Dalva de Oliveira Santos (CAP), Jequiezinho, Jequié-BA. CEP 45208-091.
 Fone: (73) 3528-9727 / E-mail: cepjq@uesb.edu.br
 Horário de funcionamento: Segunda à sexta-feira, das 08:00 às 18:00

8. CLÁUSULA DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Concordância do participante ou do seu responsável)

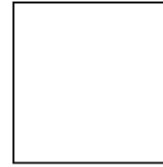
Declaro, para os devidos fins, que estou ciente e concordo

- em participar do presente estudo;
 com a participação da pessoa pela qual sou responsável.

Ademais, confirmo ter recebido uma via deste termo de consentimento e asseguro que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

JEQUIÉ-BA, 5 de julho de 2022

Assinatura do(a) participante (ou da pessoa por ele responsável)



Impressão Digital
(Se for o caso)

9. CLÁUSULA DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR

Declaro estar ciente de todos os deveres que me competem e de todos os direitos assegurados aos participantes e seus responsáveis, previstos nas Resoluções 466/2012 e 510/2016, bem como na Norma Operacional 001/2013 do Conselho Nacional de Saúde. Asseguro ter feito todos os esclarecimentos pertinentes aos voluntários de forma prévia à sua participação e ratifico que o início da coleta de dados dar-se-á apenas após prestadas as assinaturas no presente documento e aprovado o projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa, competente.

JEQUIÉ-BA, 5 de julho de 2022

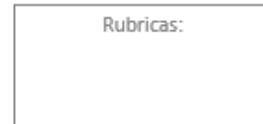
Assinatura do(a) pesquisador

Seja conciente: ao imprimir este documento, se necessário, use a frente e o verso do papel. .)

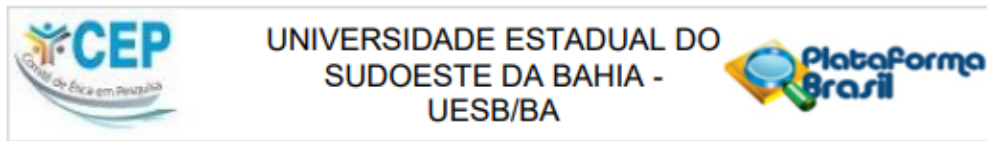
Página 4

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) - UESB/Jequié
 (73) 3528-9727 | cepjq@uesb.edu.br

Rubricas:



ANEXO A- Aprovação do Comitê de Ética em pesquisa (CEP)



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: "É só pra chamar atenção!" Estudo acerca do adoecimento psíquico/ideação suicida na comunidade LGBTQIA+ frente aos marcadores étnico-raciais

Pesquisador: VITOR SILVA SANTOS

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 58916122.8.0000.0055

Instituição Proponente: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

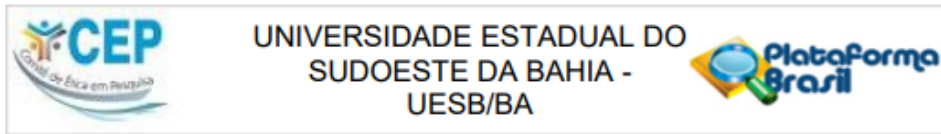
DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.604.482

Apresentação do Projeto:

Segundo informações dos pesquisadores "o presente trabalho tem por objetivo abordar como temática principal o suposto adoecimento psíquico dos sujeitos lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgêneros, queer, intersexuais e assexuais (LGBTQIA+), dando ênfase aos marcadores étnico-raciais. A proposta será identificar como esses marcadores poderiam influenciar para o supracitado adoecimento, podendo perpassar por pensamentos suicidas, a ponto de intensificar a problemática, levando ao ato do suicídio. Tratando-se de uma temática de extrema relevância social e acadêmica, pois ser LGBTQIA+ na atualidade tem sido cada vez mais complicado, vivenciamos tempos difíceis, onde sente-se necessidade de montar estratégias para continuar resistindo. A pesquisa é de natureza qualitativa e como método será utilizado o grupo focal. A intenção com este grupo é levantar discussões, rodas de conversas, intervenções psicológicas (acolhimento, caso haja necessidade), diálogos, debates e reflexões acerca da temática supracitada. A participação das pessoas LGBTQIA+ será de maneira voluntária e esperamos ter a colaboração de seis a nove pessoas. Como instrumento de coleta de dados, os encontros serão gravados em áudio e também será utilizado o diário de campo. A análise dos resultados será feita com base nos referências pós-críticos e decoloniais.

Endereço: Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, Módulo CAP, 1º andar (UESB)
Bairro: Jequezinho **CEP:** 45.206-510
UF: BA **Município:** JEQUIE
Telefone: (73)3528-9727 **Fax:** (73)3525-6683 **E-mail:** cepjq@uesb.edu.br



Continuação do Parecer: 5.604.482

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Compreender as dimensões das ideações suicidas entre XS LGBTQIA+, identificando como os marcadores étnicos, raciais e sexuais podem influenciar para o supracitado adoecimento psíquico.

Objetivos Secundários:

Identificar os elementos que atuam no adoecimento psíquico, analisando os mecanismos de resistência das/os LGBTTQIA+ frente à ideação suicida;

Discutir de que maneira os marcadores étnico-raciais podem intensificar para a ideação suicida.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Os riscos poderão acontecer ao decorrer dos encontros, mas, como psicólogo de formação, serão utilizados manejos terapêuticos (acolhimentos e diálogos) para lidar com determinadas situações. Por ser uma temática muito delicada, os sujeitos podem se intimidarem, fragilizarem e até mesmo apresentarem supostas crises de ansiedade ao discorrer sobre determinada situação/angústia. Logo, será utilizado o método de acolhimento psicológico, um momento de escuta a sós com o suposto membro do grupo, a fim de dar suporte na queixa que for apresentada. Caso haja necessidade de um acompanhamento mais intensivo, eles (as) serão encaminhados (as) para redes de atendimentos psicológicos gratuitos.

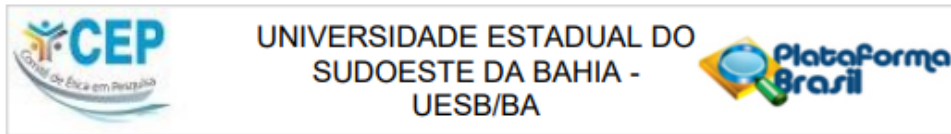
Benefícios:

Os benefícios diretos que podem ocorrer durante os encontros são: autoconhecimento, fortalecimento da autonomia e aceitação. Espera-se que os(as) participantes possam se conhecer melhor no decorrer dos encontros, podendo montar estratégias de como resistir ao supracitado adoecimento psíquico. Como benefícios indiretos, os sujeitos terão, nesse espaço, momentos para discutir e aprender a lidar com as angústias apresentadas frente ao adoecimento. Além do mais, espero que este trabalho contribua para meu crescimento acadêmico/pesquisador e profissional. Espera-se também que a pesquisa possa ampliar os conhecimentos e as discussões sobre a ideação suicida entre a comunidade LGBTTQIA+

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Projeto atrelado do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade - PPGREC.

Endereço: Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, Módulo CAP, 1º andar (UESB)
Bairro: Jequezinho **CEP:** 45.206-510
UF: BA **Município:** JEQUIE
Telefone: (73)3528-9727 **Fax:** (73)3525-6683 **E-mail:** cepjq@uesb.edu.br



Continuação do Parecer: 5.604.482

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

- PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1915224.pdf 08/07/2022 22:04:11 - Rever data de início da análise dos dados e termo sujeito.
- Memorando_parecer_vitor.pdf 08/07/2022 15:47:22 - OK
- Declaracao_de_compromisso.pdf 08/07/2022 15:47:05 - OK
- Termo_uso_de_imagensVitor.docx 05/07/2022 23:34:42 - Rever documentado datado em 05/07/2022, anterior ao parecer do CEP.
- APENDICE_B_Questionario_sobre_o_perfil_geral_dos_participantes.docx 05/07/2022 23:33:33 - OK
- APENDICE_A_Roteiro_do_grupo_focal.docx 05/07/2022 23:30:26 - OK
- TCLE_CEPVitor.docx 05/07/2022 23:28:59 - Rever data 05/07/2022 e termo Sujeito.
- Projeto_de_Pesquisa_Vitor.docx 05/07/2022 23:28:41 - Rever termo sujeito.
- folhaderosto.pdf 05/04/2022 19:09:00 - OK

Recomendações:

ATENÇÃO:

Apesar dos pesquisadores terem realizados as alterações sugeridas e necessárias, salienta-se que algumas recomendações precisam ser revistas, ANTES DO INÍCIO DA COLETA DOS DADOS, a saber:

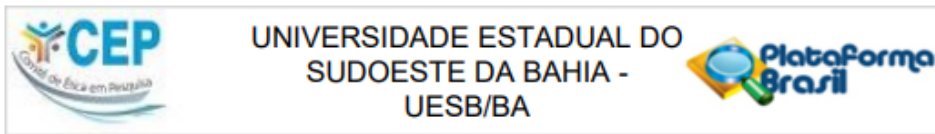
1) O pesquisador ainda utiliza o termo SUJEITO na Plataforma e no TCLE, devendo ser substituído por PARTICIPANTE.

Este CEP faz esclarecimentos quanto a termos que devem ser empregados em pesquisas com seres humanos, isto porque a Resolução CNS N° 466 de 2012 substituiu o termo "sujeito de pesquisa" (previsto na Resolução CNS N° 196 de 1996) por "participante de pesquisa". Entende-se que a terminologia adotada pela Resolução CNS N° 466 de 2012 deva ser empregada em todos os documentos do protocolo de pesquisa, incluindo o TCLE.

2) TCLE - rever termo sujeito, seguir orientações do item 1. E corrigir data de realização da coleta de dados, pois o Termo está datado em 05/07/2022, data anterior a aprovação do protocolo de pesquisa. Solicita-se rever este documento e inserir data posterior a aprovação do projeto por este CEP.

3) O TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGENS E DEPOIMENTOS está datado em 05/07/2022, data anterior a aprovação do protocolo de pesquisa. Solicita-se rever este documento e inserir data posterior a aprovação do projeto por este CEP.

Endereço: Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, Módulo CAP, 1º andar (UESB)
Bairro: Jequezinho **CEP:** 45.206-510
UF: BA **Município:** JEQUIE
Telefone: (73)3528-9727 **Fax:** (73)3525-6683 **E-mail:** cepjq@uesb.edu.br



Continuação do Parecer: 5.604.482

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Os pesquisadores realizaram as alterações sugeridas e necessárias no protocolo de pesquisa. Portanto, atendendo as resoluções que regem as pesquisas com Seres Humanos.

Entretanto, sugere-se que atendam as recomendações indicadas no item anterior (Recomendações).

E estejam atentos também à seguinte solicitação:

Relatórios:

- Durante a execução do projeto e ao seu final, anexar na Plataforma Brasil os respectivos relatórios parciais e final, de acordo com o que consta na Resolução CNS 466/12 (itens II.19, II.20, XI.2, alínea d) e Resolução CNS 510/16 (artigo 28, inciso V).

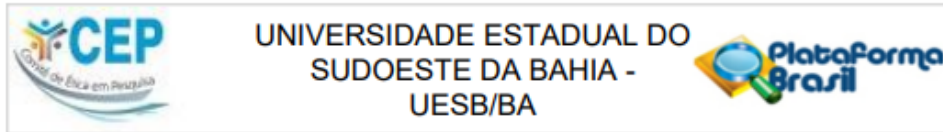
Considerações Finais a critério do CEP:

Em reunião por videoconferência, autorizada pela CONEP, a plenária deste CEP/UESB autorizou a aprovação por ad referendum assim que as pendências fossem sanadas. Portanto, fica aprovado o parecer do relator.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1915224.pdf	08/07/2022 22:04:11		Aceito
Outros	Memorando_parecer_vitor.pdf	08/07/2022 15:47:22	MARCOS LOPES DE SOUZA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declaracao_de_compromisso.pdf	08/07/2022 15:47:05	MARCOS LOPES DE SOUZA	Aceito
Outros	Termo_uso_de_imagensVitor.docx	05/07/2022 23:34:42	MARCOS LOPES DE SOUZA	Aceito
Outros	APENDICE_B_Questionario_sobre_o_perfil_geral_dos_participantes.docx	05/07/2022 23:33:33	MARCOS LOPES DE SOUZA	Aceito
Outros	APENDICE_A_Roteiro_do_grupo_focal.docx	05/07/2022 23:30:26	MARCOS LOPES DE SOUZA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_CEPVitor.docx	05/07/2022 23:28:59	MARCOS LOPES DE SOUZA	Aceito

Endereço: Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, Módulo CAP, 1º andar (UESB)
Bairro: Jequiezinho **CEP:** 45.206-510
UF: BA **Município:** JEQUIE
Telefone: (73)3528-9727 **Fax:** (73)3525-6683 **E-mail:** cepjq@uesb.edu.br



Continuação do Parecer: 5.604.482

Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_Pesquisa_Vitor.docx	05/07/2022 23:28:41	MARCOS LOPES DE SOUZA	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	05/04/2022 19:09:00	VITOR SILVA SANTOS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

JEQUIE, 25 de Agosto de 2022

Assinado por:
Leandra Eugenia Gomes de Oliveira
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, Módulo CAP, 1º andar (UESB)
Bairro: Jequezinho **CEP:** 45.206-510
UF: BA **Município:** JEQUIE
Telefone: (73)3528-9727 **Fax:** (73)3525-6683 **E-mail:** cepjq@uesb.edu.br